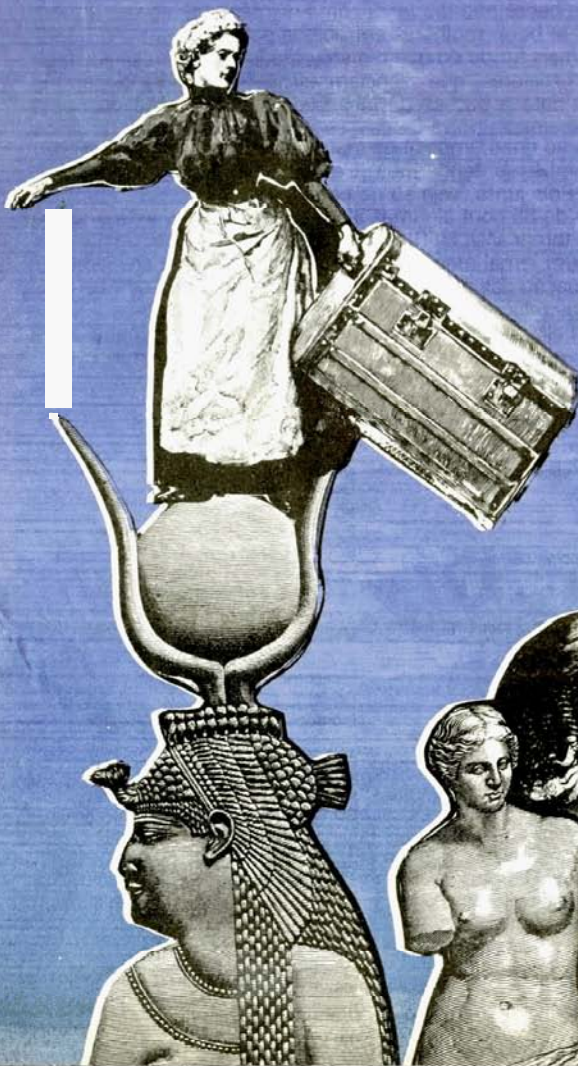


# MULHERIO

ano V n.º 23  
São Paulo  
out/nov.  
dezembro 85  
Cr\$ 7000

NEM GUERRA NEM XIXI  
PAZ NAS ESTRELAS



# CARTAS



Seguem-se estas linhas para o nosso jornal MULHERIO. Se houver oportunidade, gostaria que divulgasse que, sempre que posso, leio coisas boas e o Mulherio é uma delas. Até que enfim a mulher conheceu seu lugar, isto é, comando. Gosto de poesias, poemas, música, gosto de gastar minha saliva, meus dedos e a tinta da caneta. Desenganos, foram palavras de 5 minutos. Porém o Mulherio fica para sempre.

**Waldia, a Dileta**

Cotia — SP

**Prezadas Companheiras:**

Venho pela presente agradecer-lhes pelo convite para minha participação no Seminário "10 anos de Imprensa Feminista" em Curitiba. Não pude comparecer, infelizmente, pois encontrava-me então no Chile, de onde regresso ontem. Será um prazer, no entanto, participar de outros seminários/reuniões com vocês.

Fui ao Chile participar de um seminário sobre o papel da mulher na agricultura chilena, onde tive a oportunidade de trocar idéias com várias mulheres interessadas no tema...Muito provavelmente realizaremos um seminário similar aqui em Londrina, no início de 1987, muito me ajudaria se vocês me fornecessem nomes e endereços de mulheres que trabalham com o tema da mulher rural no Brasil, principalmente trabalhos de pesquisa e de organização de agricultoras. Gostaria que este apelo chegasse ao maior número possível de mulheres do MULHERIO

**Marisa Corzânego Neumaier**  
Londrina — PR

**Companheiros e Companheiras:**

Estamos escrevendo para que vocês saibam da incompreensão que temos sofrido em Lins por denunciar um assassinato de uma companheira por seu ex-marido numa Carta Aberta à população. Tal carta mexeu com pessoas influentes da cidade e da própria polícia.

Depois disso fomos imediatamente atacados pelos jornais e rádios da cidade que, atualmente, estão boicotando informações a respeito das atividades dos grupos e movimentos populares que

assinaram tal Carta. Estamos pedindo...que enviem para os rádios da cidade cartas ofícios ou telegramas...pedindo que se acabe com essa atitude discriminatória. O endereço dos rádios locais é: rádio Alvorada de Lins — Rua Olavo Bilac 693, e Lins Rádio Clube, Rua Floriano Peixoto 1840, 16.400 Lins, SP.

Grupo de Mulheres de Lins, Movimento de Libertação da Mulher, Grupo pró Associação de Moradores das Casas Vicentinas, SABASJO, Grupo de Negros, Equipes Todos Irmãos, Faculdade do Serviço Social de Lins, Pastoral da Juventude da Diocese de Lins, Grupo Linense de Educação popular, Partido dos Trabalhadores de Lins.

Boa tarde! Inês que os astros a favoreça em todos aspectos.

Sabe amiga desculpe-me se só agora volto a escrever-lhe, é que você deve imaginar como é o dia a dia das pessoas que estão privadas de liberdade, a cabeça sempre em transe.

Por que parou de enviar-me o Jornal Mulherio pôxa! Adoro lê-lo, é muito interessante.

Inês ando cheia de atividades. Estamos fazendo teatro entre nós mesmas, com a peça "Pluft o Fantasmilha"...estamos também fazendo o jornalzinho que escolhemos o nome de "A Chave", assim que estiver pronto te mandarei um exemplar. Fui candidata à Comissão de Presas, ganhei a eleição estourada, sou a presidenta, onde meu papel é de livre acesso para reivindicar os nossos direitos.

**Dulcinéia Ap. Pozo**  
Penitenciária Feminina de Tremembé — SP

**Equipe:** Ethel Leon, Fúlvia Roemberg, Inês Castilho, Regina Gomes, Tanya Volpe. — **Secretaria:** Pérola Paes. — **Diagramação:** Ana Linnemann. — **Colaboraram neste número:** Adélia Borges, Albertina Oliveira Costa, Beatriz do Valle Bargieri, Mouzar Benedito e Neusa Moreira — **Jornalista responsável:** Adélia Borges, registro MTB 10.680, SJESP 4549. — **Editado por:** Núcleo de Comunicações Mulherio, rua Cunha Gago 704, Pinheiros, CEP 05421, São Paulo, SP, Brasil, fone (011) 212-3052. — **Impressão:** Companhia Editora Joruês, rua Arthur de Azevedo 1977, Pinheiros, São Paulo, SP, fone 815-4999.

A opinião expressa em artigos assinados não necessariamente corresponde à opinião da equipe responsável. Colaborações são recebidas para apreciação editorial. Os originais não serão devolvidos. É permitida a reprodução total ou parcial das matérias desta edição, desde que citada a fonte.

Contribuem para a publicação deste jornal a **Fundação Ford do Brasil** e a **WACC, World Association for Christian Communication**.

**Tiragem: 5.000 exemplares.**

## Que a Paz não seja um cometa



Ilustração: Ariel Soverino

1986 é o Ano Internacional da Paz. Dá pra acreditar? Depois da farsa de Genebra, depois de lermos quase diariamente as louvações à indústria bélica brasileira, depois de acompanharmos o ramerame das negociações das dívidas externas...

Genebra, além de tudo, serviu de alimento à idéia da existência de um universal feminino. Raisa e Nancy, de mãos dadas, disputando em chique promovido por nomes internacionais, evitando falar de política, fazendo declarações sobre os maridos nos deixam evidente que o domínio do público, do coletivo — agora sideral, Star Wars — são atribuições não só profissionais, mas masculinas.

Éta nós! Ganha Jânio e peças não tão raras como Gardênia! E a gente aguentando a discursaria de "que bom, mulheres em postos públicos".

Nossa paz é outra. Vai mais fundo do que o mero cessar-fogo, armistícios fajutos que preparam guerras maiores, que silenciam as guerras cotidianas, anônimas. Nossa contribuição para a paz se dá inclusive na explicitação da nossa agressividade, nos atos corajosos, pôrra-loucas, segundo uns e outros, de irmos às ruas, de nos deitarmos no chão, impedindo instalação de máquinas de morte.

Nossa contribuição é também entendermos as articulações — como é que junta guerra e maternidade. Pois junta, veja só na página 11.

Enfim, encerramos o ano de 85 com algumas alegrias: dentre elas uma enorme disposição e confiança de tornar MULHERIO um jornal mensal a partir de meados de 86, porque queremos um jornal mais ágil, refletindo um enorme crescimento dos fatos vinculados à situação das mulheres, ponto de partida para bombardear (assumidamente bélicas) as relações autoritárias, os poderes coercitivos.

Desejamos, assim, um Feliz Ano Novo às leitoras do Mulherio, de muita curtidão com o cometa Halley, olhando o desenho das estrelas como um mundo nosso também em que Reagan e Gorbachev nenhum pode tascar a mão.

Até 1986, pessoal!

Mulherio pode ser encontrado em:

### LIVRARIAS

São Paulo  
Art-Nouveau Shopping Center Eldorado  
Best-Seller Alameda Tietê, 184  
Brasiliense R. Oscar Freire, 561  
Capitu R. Pinheiros, 339  
Cultura Av. Paulista, 2073 (conj. Nacional)  
Kairós Av. Paulista, 2650  
Klaxon R. Pamplona, 1704 — lj. 1  
La Selva Aeroporto Congonhas  
La Selva Aeroporto Cumbica  
Livre R. Armando A. Penteado, 44  
Pagu Teatro Ruth Escobar R. dos Ingleses, 209  
A Porta do Livro R. Madre Cabrini, 36  
Todavia R. Bela Cintra, 1237  
Da Vila R. Fradique Coutinho, 1140  
Vozes R. Hadock Lobo, 360

ARAÇAJU/SE  
Livraria Carvalho R. CF s/n  
BRÁSILIA/DF  
Livraria Presença SDS — Bl. E — ljs. 11/15

CURITIBA/PR  
Distribuidora Nova Ordem R. General Carneiro, 441

JUIZ DE FORA/MG  
Espaço Cultural R. São João, 357

NATAL/RN  
Livraria Independência

PORTO ALEGRE/RS  
Palmarina R. General Vitorino, 140

RIO DE JANEIRO/RJ  
Eu & Você R. Constante Ramos, 23-B  
Dazibao R. Visconde de Pirajá, 571-B

SALVADOR/BA  
Literarte Av. Sete de Setembro, 750

SÃO LUIS/MA  
Espaço Aberto R. do Sol, 823

UBERLÂNDIA/MG  
Pró-Século XXI R. Tenente Virmondes, 434

### GRUPOS DE MULHERES

DF Brasília Mulher  
SP Coletivo Feminista de Campinas  
PR Movimento 8 de Marco  
GO CEVAM — Centro de Valorização da Mulher

RS Grupo Feminista Gêmina

PE SOS Corpo

RS Grupo Feminista Germinal

SP CIM — Centro de Informação Mulher

### OUTROS

Casa Eumênica de São Sebastião/SP —

Cristiane

Casa Eumênica de Caraguatuba/SP —

Vera Márcia ou Daril

Casa Eumênica de Cardoso/SP — Marina

Mulherio

PONTOS DE VENDA

Ambígua, escrachada, liberada? De direita segundo alguns, a viúva Porcina já faz parte de nosso imaginário.

# PORCINA

Roberto da Matta

Dizem que há mulheres pra quatrocentos talheres, mas eu creio que se pode entender Porcina em quatro laudas. É que os personagens de cinema, novela e teatro são simplificações ou até mesmo caricaturas da realidade.

## EM

Dai a redução de 400 para 4, o que corresponde no vídeo ao aumento da novela de 40 para 4 mil capítulos, dentro das coordenadas de produção escravizada pelo IBOPE e pela lamentável "estação de vendas" que as agências de publicidade determinam.

Isso para dizer que Porcina não é nenhuma Dona Flor ou Capitu. Sua possibilidade de ficar é tão grande quanto a de um best-seller. Mas talvez por causa disso,

## QUATRO

Porcina provoque tanta discussão quanto os cometas.

Realmente, tenho dito que, no Brasil, somos marcados pelas diferenças de riqueza (de classe) mas temos outros critérios ou dimensões que *também* determinam nossa conduta. Digo que o espaço da *casa* e da *rua* são básicos para a classificação de eventos, emoções, coisas, relações e pessoas no caso do Brasil.

## LAUDAS

Um milionário com uma casa, como Sinhozinho Malta tem mais poder e prestígio do que Roque Santeiro que pode até ser mais rico que ele, mas na cidade é muito mais uma figura de rua, da noite e da ambiguidade como estrangeiro que efetivamente é. Do mesmo modo, Sinhozinho Malta não chora em público, mas no calor e na intimidade de sua casa.

Pela mesma lógica, afirmo que existem mulheres da casa e da rua (e da vida) na cabeça dos brasileiros. Em casa estão as Mocinhas que depois de maduras se transformam em Pombinhas. Na rua

Mulherio

estão as "meninas" da boate e as mulheres que "tendo um passado" e um "segredo", transformam-se em Matildes e viram donas de hotéis e de casa de jogo. Entre esses dois modelos de comportamento feminino — entre a virgem e a puta; a Nossa Senhora e a Messalina — estão as moças que a história faz se debaterem *entre* um modelo tradicional de mulherio e sua formas mais modernas: mais individualizadas e mais igualitárias.

Na tradicional Asa Branca, as mulheres ou são inferiores ou são superiores; ou são pecadoras ou santas. Do mesmo modo, os homens são todos ou machões ou emasculados (como é o caso de Florindo Abelha, homem da casa típico e, por isso mesmo, abobalhado). Mas na Asa Branca moderna, começa a existir lugar para a mulher que é igual aos homens.

Assim, não é ao acaso que Mocinha sempre se defronta com Porcina. É que uma é a virgem e a outra, a grande puta que sabe usar sua sexualidade em seu próprio benefício. Porcina é a mulher da rua (e da vida). Mocinha é a casa (e da morte) local que contém as virgens enrustidas e puras que esperam de prontidão pelo noivo morto. Onde matronas e viragos que se comprazem em papar-hóstias e doces, controlam mortalmente o sexo e o desejo. São, pois, as mulheres da casa, do casamento, da castidade e da morte essas beatas que vivem entre a casa paterna e a casa de Deus onde se acasalam simbolicamente com o Padre... Porcina, parece-me, é tudo isso e o céu também.

O início da narrativa mostrava um típica *mulher da rua*, dona de tudo que era seu, embora sua relação com Sinhozinho Malta fosse bem definida. Mesmo com uma infame crueldade no trato com seus criados, sobretudo no que diz respeito à sua criada Mina, velha e fiel companheira da patroa, servida ideal dentro do sistema de servidão brasileiro, ela reagia de modo independente do seu "patrão".

Porcina é igual a Sinhozinho, atualizando um padrão de conduta próprio das mulheres do mundo que, no fundo, ninguém deseja. E, de fato, para confirmar isso, Sinhozinho tem com ela um noivado igualmente cínico e interminável, próprio de quem não deseja o casamento. Porcina é capaz de realizar inversões típicas desta posição quando faz com que seu "patrão" lata como cachorro para poder ter com ela relações sexuais.

Aqui Porcina revela quem é que tem *realmente poder*; pois se Sinhozinho Malta manda "lá fora",

dentro de sua casa e na sua alcova, quem comanda são seus poderes sensuais. E isso nos remete a uma "tradição carnavalesca" posto que se vislumbram dois mundos bem marcados. Na realidade de um universo oficial, Sinhozinho é o mandão, mas na penumbra de uma dimensão que atua da cintura pra baixo, Porcina é campeã.

Ela é também mulher que tem aspirações mais modernas e deseja ser independente e livre para encontrar um grande e eterno amor que certamente redimirá a narrativa e sua biografia de personagem. Configura-se, então, na pessoa de Roque Santeiro o grande amor que, dentro de nossa mitologia individualista, permitirá a Porcina realizar o sonho global de uma orquestração entre o desejo individual e a vontade coletiva. Mas é quase certo que ambos pagarão primeiro pelo que devem à coletividade. E somente depois é que poderão gozar desta ventura de uma paixão que se descobre e se enleva por debaixo dos comerciais e de uma mitologia que a zona sul do Rio de Janeiro abraça sem limites.

Solução revolucionária? Claro que não. Seria muito mais revolucionário com Porcina destruindo o Roque Santeiro e a igreja, os padres e as beatas, as virgens e as casas. Mas é quase certo que Roque terminará como um duplo-mito. Primeiro como o santinho do pau oco que traiu sua comunidade. E agora, muito mais "politizado", como o santo da boa moral e da verdadeira ideologia, do amor individualista muito mais puro porque mais sofrido e maduro. Como manda o nosso figurino Ocidental.

Mas, dizia eu, seria mais revolucionário se Porcina terminasse impune com Sinhozinho Malta. Os dois bandidos carnavalescamente juntos, bandidos de alta classe que, no Brasil, jamais são punidos e podem, por isso mesmo, fazer de tudo. Seria, afirmo, realizando um *tour-de-force* carnavalesco-rabelaisiano que a novela teria a possibilidade de se redimir da censura do IBOPE e da publicidade. Mas como a Globo chega na casa e não na rua (onde não há TV), o que veremos daqui pra frente, será — salvo engano crasso — a domesticação violenta de Porcina que passará a ser uma mulher da ideologia e, consequentemente da casa. Com isso, teremos a solução de Porcina e, certamente, o fim da novela...

Roberto da Matta é professor de Antropologia Social do Museu Nacional — UFRJ. Autor de vários livros dentre os quais *Carnavais, Melandros e Heróis* (Rio: Zahar); *Relativizando* (Rio: Rocco); *A Casa e a Rua* (São Paulo: Brasiliense). Seu último livro se intitula *Explorações* e será publicado pela Rocco Editores.

**Educar para a submissão** de Elena Belotti foi um best-seller da produção feminista. Seu discurso serve de base para se valorizar o papel da educação familiar na transformação da condição feminista. Rosa Escarlata leu, tentou fazer carreira e se angustiou. Se você não leu ainda e quer se aventurar, a última edição é de 1983, Editora Vozes.

# BÍBLIA FEMINISTA PARA CULPAR MÃE



## Rosa Escarlata

Prezada Senhora Belotti,

Foi com grande emoção e profundo respeito que li seu livro *Educar para a submissão*: o descondiçãoamento da mulher. Até durante um certo tempo me chamavam pedante pois tal foi minha ânsia para lê-lo, que o fiz em italiano mesmo, e ainda hoje continuo e citá-lo como Dalla parte delle Bambine.

Na época em que foi lançado, se não me engano em 1973, ainda não tínhamos tido filhos. Nem eu, nem meu grupo de amigas. Ficávamos imaginando o quanto suas observações poderiam nos ser úteis, quando o desejo da maternidade se fizesse ouvir.

Em vez dos guias de bebês babacas usados por nossas mães, tínhamos em mãos uma verdadeira bíblia que nos guiaria na criação de homens sensíveis e mulheres liberadas.

Pouco tempo depois nasceu-me o primeiro filho. Um menino magro, comprido, branquelo, voraz e esperto. No primeiro mês por mais que o instinto materno e paterno também) gritasse, era difícil dizer-lhe: que bonitinho! (Minha amiga Albertina que o conhece desde aquela época pode até testemunhar a veracidade dessa observação). É lógico que me sentia mal com esse juízo e, para apaziguar minha culpa (oh arrependimento) dizia: que bebê esperto!

Na maternidade o bebê ganhou roupinhas de várias cores. Lembro-me até de uma camisa tipo pagão (sabe, é aquele modelo com cava caída), pretinha de gola vermelha. Uma gracinha. Mas, o que fazer com a roupa azul? Jogar fora ou correr o risco de reproduzir um machista?

Pulei as partes do seu livro em que a senhora critica o uso estereotipado das cores, engoli em seco, e vesti-lhe a camisa azul. Mal sabia quanta saliva iria produzir para engolir nos próximos anos!

O menino foi crescendo, embotou, a calvície se transformou em cabelos loiros e hoje é um rapazão de 10 anos, que adora futebol, conhece a escalação de todos os times e, tenho certeza que pra

Mulherio



Ilustração Arac Siqueira

par uma crítica ao sexo masculino. Ah, sentia que podia atingir uma coisa muito profunda no meu filho. Quando, por exemplo, obrigava a me ajudar na casa, a não ser violento com sua irmã (que por sinal às vezes era uma capeta), a exprimir seus estados de alma etc. Confesso que logo desisti, porque percebi como era fácil para mim, mulher-adulta, dar uma de vítima e transpor para ele um imbroglío (a senhora vê que dou minhas tacadas em italiano) da minha geração. Que era uma árdua tarefa para ele preparar a reconstrução de uma relação ideal com uma parceira hipotética (que seria a dele).

O outro remorso que eu sentia, a senhora me desculpe, era em relação à senhora mesma. Pois veja quantas ciladas impõe o destino: nasceu-me, algum tempo depois, uma menina perfeita, cabeluda, esperta e voraz. E mais: linda. Nasceu como bebê de cesárea: redondinha e rosada. Todo mundo que a via exclamava: "mas que menina bonita!". E eu também. (Se a senhora quiser comprovar mando fotografia dos dois para perceber a diferença). E lá vinha o som do disquinho a me assoprar: "menino esperto; menina bonita. Ah sua estereotipada!" "Que sofrimento. Sra. Belotti, era como se ouvisse sua própria voz me criticando!"

A menina também foi crescendo, entruada, comunicativa e com certos gostos particulares em que eu não me reconheço: é toda plumas e paetês. E gosta de brincar de mamãe e filhinha. E me pediu pra fazer balé!

Já deu pra entender meu drama! Um menino futebolista, uma menina bailarina. O estereótipo do estereótipo! De vez em quando, pra apaziguar minha consciência,

"Sentia nesse período alguns remorsos. Um deles: quando a barra estava pesada e eu deixava escapar uma crítica ao sexo masculino. Ah, sentia que podia atingir uma coisa muito profunda no meu filho. Quando, por exemplo, obrigava a me ajudar na casa, a não ser violento com sua irmã (que por sinal às vezes era uma capeta), a exprimir seus estados de alma etc. Confesso que logo desisti, porque percebi como era fácil para mim, mulher-adulta, dar uma de vítima e transpor para ele um imbroglío (a senhora vê que dou minhas tacadas em italiano) da minha geração. Que era uma árdua tarefa para ele preparar a reconstrução de uma relação ideal com uma parceira hipotética (a dele)."



Ilustração Arac Siqueira

ele o melhor presente que lhe dei foi um autógrafo do Sócrates (talvez a senhora conheça, é aquele jogador de futebol brasileiro que foi para o Fiorentina e parece que quebrou a perna).

Sra. Belotti: existe no meu país um versinho pra criança que diz "o touro é valente, bate na gente, a gente é fraco, cai no buraco". E eu caí. Ficava contente de ver meu filho se identificando com o pai. O pai também. E isso era complicado. Sra. Belotti, como integrar o desejo de criar um homem sensível (acho até que o desejo era do homem feminista mesmo!), os traços machistas percebidos e aquela coisa formidável que é perceber uma vida continuando. Dá pra entender? Então, como fazer?

Sentia nesse período, alguns remorsos. Um deles: quando a barra estava pesada e eu deixava esca-

dava umas panelinhas pro menino e uma bola pra menina. A senhora não imagina: o dinheiro só não era jogado fora porque as crianças se encarregavam de desfazer a troca. E eu ficava brava, destroçava e era aquela choradeira.

Que vergonha uma mãe que se diz feminista criar um filho que gosta de futebol e uma filha que dança balé. Ainda mais de collant vermelho! Ah! senhora Belotti, que culpa! E cada vez que relia seu livro deparava com aquela frase fadiga na introdução: "a crítica às mulheres, contida nesta análise, não pretende ser um ato de acusação, mas um estímulo a que tomem consciência dos condicionamentos sofridos e a não transmiti-los por sua vez e, ao mesmo tempo, a se convencerem de que podem modificá-los". Eu me convenci. Mas não consegui.

Onde que errei? E o pior, Sra. Belotti, o meu verdadeiro problema é que tenho feito essa pergunta sem muita convicção. Vou abrir meu coração para a senhora: acho mais é que cansei! Não tenho agüentado mais o peso que todo mundo — a religião, a medicina, a psicologia, a educação, o feminismo, a ecologia — joga sobre meu ombro de mãe.

Estou é começando a querer gritar um basta pra quem pensa que esforço maternal é panacéia universal ou estratégia para um projeto de salvação do mundo e de suas criancinhas.

A senhora acha que estou perdendo meu ardor revolucionário?

Responda-me com urgência, a/c do MULHERIO Rosa Escarlata.

Rosa Escarlata é uma mãe perplexa, como você observou ou observará?



Ilustração Arac Siqueira

Mulherio



# MEMÓRIA

## CEM ANOS SEM NÍSIA FLORESTA

Maria Lúcia Mott

Educadora, escritora e tradutora, Nísia Floresta foi uma das primeiras vozes no país a defender os direitos da mulher, sendo por isso considerada a primeira das nossas feministas.

Aos 22 anos (1832) já tinha traduzido para o português o revolucionário livro *The Vindication of the Rights of Women* de Mary Wollstonecraft (mãe de Mary Shelley, autora de *Frankenstein*) ao qual deu o sugestivo título de *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*; casado e descasado; mudado de sua cidade natal Papari (RN) para o Recife e se enamorado do estudante de Direito Manuel Augusto de Faria Rocha, com quem passou a viver e de quem teve três filhos. Neste mesmo ano de 1832, mudou-se para o Rio Grande do Sul (depois do assassinato do pai por motivos políticos), juntamente com a mãe e o segundo marido, que logo veio a falecer, deixando-a viúva aos 23 anos de idade. Em 1837 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde fundou o Colégio Augusto para meninas.

Para a época Nísia Floresta usava um método revolucionário de ensino, privilegiando a educação humanística mais que as artes de salão e os trabalhos manuais. "Trabalhos de língua não faltaram: os de agulha ficaram no escuro. Os maridos precisam de mulher que trabalhe mais e fale me-

nos", dizia um jornal carioca a respeito dos exames da línguas realizados no Colégio Augusto. Por volta de 1842 a escritora teria feito uma série de conferências, no Rio de Janeiro, pregando idéias abolicionistas e republicanas, defendendo a liberdade de cultos religiosos e a federação das províncias.

Sobre sua ida para a Europa em 1849 há várias posições e suspeitas. A queda de um cavalo sofrida por sua filha teria motivado a viagem. Outros afirmam que "o motivo de saúde" alegado pelo médico foi a forma que algumas pessoas utilizaram para se livrarem dela... Em Paris, seguiu o curso de Augusto Comte sobre a "História Geral da Humanidade" (1851), iniciando-se aí uma longa amizade entre o mestre e a aluna. Depois da leitura do *Opúsculo Humanitário* Comte procurou catequizá-la ao Positivismo com a esperança que ela viesse a fundar o primeiro salão positivista. Achava-a porém muito imbuída do espírito do século XVIII para se tornar plenamente convertida. Nísia Floresta voltou para o Rio de Janeiro em 1852. Durante a epidemia de cólera que dizimou milhares de pessoas (1855) engajou-se nos trabalhos da enfermaria de Nossa Senhora da Conceição onde, ao que parece, o tratamento era feito exclusivamente através da homeopatia, procedimento clínico com que ela, aliás, simpatizava.

Vítima de pasquinadas e des-norteada com o ambiente tacanho do Rio de Janeiro, de então, voltou à Europa, em 1856, e lá permaneceu por cerca de 16 anos. Juntamente com a filha, viajou por vários países, conviveu com destacados escritores, estabelecendo-se em Paris, onde recebia a fina flor da *intelligentzia* do período. Aos 51 anos ainda tinha energia para seguir aulas de Botânica, em Florença, com um antigo colaborador de Humboldt.

Nas biografias de Nísia Floresta, gentilmente cedidas por Maria Carneiro da Cunha, há insinuações sobre o relacionamento entre a brasileira e Augusto Comte sugerindo, alguns desses escritos, que não seria apenas uma amizade desinteressada ou uma simples amizade, já que ela arrumava as gavetas do mestre, dava-lhe remédio e foi uma das quatro mulheres que acompanhou seu féretro. Para muitos desses autores, esse último dado — o fato de ter ido ao enterro — demonstra não só a intimidade que tinham como, principalmente, confere prestígio à escritora. É preciso lembrar, no entanto, que o pai do Positivismo foi duramente criticado por algumas feministas francesas do período, justamente pelas suas idéias.

Depois de ler o *Catecismo Positivista* de Comte onde ele, dentre outras coisas, afirma que a superioridade masculina é incontestável; que as mulheres deveriam

abrir mão da herança; que o laço conjugal deve ser único e indissolúvel e que a mãe é o nosso principal anjo da guarda e que anjo não tem sexo, fico pensando na trajetória da escritora que começou sua vida literária traduzindo o fascinante livro de Mary Wollstonecraft onde, a certa altura, se lê: quem deu o direito ao homem de julgar a mulher ou, ainda, não desejamos ser guiadas pelos homens mas por nós mesmas!

Para terminar: coincidência ou não, foi no Rio Grande do Norte, onde nasceu Nísia Floresta, que as mulheres votaram pela primeira vez, embora apenas para eleições locais daquele Estado, e onde foi eleita a primeira prefeita do país, em 1929.

Nísia Floresta Brasileira Augusta é pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto. Deixou várias obras publicadas em português, francês e italiano, destacando-se dentre elas *Conselhos à minha filha* que foi adotada como leitura nas escolas femininas da cidade italiana de Mondovi por conselho de seu biótipo, e o já citado *Opúsculo Humanitário* (ver resumo abaixo).

A escritora morreu em Rouen, na França, a 24 de abril de 1885, aos 75 anos de idade. Seus restos mortais foram trasladados para o Brasil em 1954. Desde então sua cidade natal recebeu o nome da ilustre filha □.

## Nísia Floresta: da irmã de Frankenstein ao pai do Positivismo

Nísia Floresta Brasileira Augusta  
*OPÚSCULO HUMANITÁRIO* —  
Rio de Janeiro, M.A. Silva Lima, 1853.

O livro é um libelo a favor da educação da mulher. Recebendo uma educação precária, voltada principalmente para os afazeres domésticos, a brasileira rica de então vivia, ainda, sob a influência mourisca, fechada em casa, rodeada de escravos, conhecendo a rua através das janelas e das raras saídas. As poucas escolas acessíveis ao sexo feminino eram de má qualidade onde persistia o castigo da palmatória. O descaso da educação de homens e mulheres no Brasil a autora atribui à herança portuguesa. Defende a tese que bem diferente seria o destino de nosso país se este tivesse sido colonizado por outros povos da Europa!

Combate aqueles que julgam a fraqueza física do sexo feminino como um empecilho para

o estudo. Não é a natureza física que determina a superioridade do homem. É a inteligência. E inteligência não tem sexo, diz a autora (p. 63). Critica a educação feminina voltada exclusivamente para os afazeres domésticos e para a arte da sedução. Afirma que a instrução ministrada nas escolas públicas e particulares deixava muito a desejar pela falta de preparo da maioria das diretoras e professoras. A religião e a moral deveriam ser a base da educação da mulher a fim de que ela não se desviasse da virtude. Daí ser favorável à educação feita em casa, pela mãe: "uma mãe bem educada e suficientemente instruída obterá sempre maiores vantagens aplicando-se com terna solicitude a inspirar-lhe o sentimento de dignidade que qualquer diretora não conseguirá obter" (p. 97).

Educada, a mulher teria portanto condições de exercer melhor seu papel de esposa e mãe.

A mãe é quem deveria cuidar dos filhos. É um crime, diz a autora, deixar que recém-nascidos se alimentem em seio estranho "bebendo leite impuro, e que lhe vai contaminando (...) o físico como o moral" (p. 99). Nísia Floresta coloca-se então contra a escravidão, dentre outros motivos, pela influência maléfica que ela exercia sobre a família brasileira seja através do contato com a raça degenerada pelo cativo (sic) como da indolência que resultava da dependência do trabalho escravo.

Termina o livro tecendo elogios às mulheres indígenas. Dignas por suas virtudes inatas deveriam receber "educação moral e intelectual que lhes colocasse a par das nossas mulheres civilizadas" (p. 62). Denuncia de maneira contundente os abusos empregados para "catequizar os selvagens", como o envenenamento e o uso de armas de fogo. **M.L.M.**

Imagem forte de mulher e muita badalação na imprensa: a estréia de Maria Luiza Fontenelle no cenário da política nacional. Última unanimidade das nossas plagas? Efêmera, certamente. Coronéis e políticos velhos que sorriem amarelo com a vitória de um programa de governo comprometido com o "movimento democrático operário e popular" já estão pondo suas manguinhas de fora, tentando minar a administração pública de Fortaleza. Os planos de Maria Luiza para as mulheres, relatados com exclusividade ao Mulherio, são excelentes. Resta saber se conseguirão ser implementados com tanta oposição à vista.

ENTREVISTA



# SENTIMENTO NO PODER

Maristela Mafei

"As mulheres estarão comigo no poder dando um tom, ou seja, fazendo uma administração onde o sentimento entra, porque a pessoa humana é o centro e não haverá nenhuma oportunidade para a exploração ou corrupção." Esta foi a primeira declaração que Maria Luiza Fontenelle, 43 anos, desquitada, uma filha, prefeita eleita de Fortaleza-CE pelo Partido dos Trabalhadores com 159.846 votos entre os 492.802 depositados nas urnas, fez ao desembarcar no Aeroporto de Cumbica, São Paulo.

Maria Luiza esteve na capital paulista nos dias 20 e 21 de novembro, onde veio ampliar seus contatos políticos e cumprir exaustivo calendário de entrevistas à imprensa. Filha de latifundiários, a prefeita eleita de Fortaleza acabou por vencer os três coronéis da política cearense: os senadores César Cals e Virgílio Távora (PDS) e o vice-governador Aduino Bezerra (PFL), sem falar, é claro, no duro golpe que infringiu à popularidade do governador Gonzaga Mota (PMDB), cujo candidato foi igualmente derrotado nas urnas. Mas o que significa "as mulheres no poder"? Por que a administração de mulheres é aquela onde o "sentimento entra"? Sobre estas e outras questões Maria Luiza falou ao MULHERIO.

Qual é sua vivência política em relação ao Movimento de Mulheres?

— Nós nos declaramos feministas sem nenhuma preocupação com o caráter pejorativo que é dado ao tema. Porque a colocação do feminismo é a denúncia de que há a discriminação da mulher e que o setor discriminado só conquista sua libertação se ele se empenha neste processo. Não posso dizer que o tratamento destinado ao homem e à mulher deve ser o mesmo porque a mulher é discriminada. A nível do movimento organizado fui integrante da União de Mulheres Cearenses.

— E a entidade leva uma prática específica em relação à mulher?

— A UMC surgiu em cima da luta pela anistia e em torno dos problemas que as mulheres da periferia enfrentam, como a questão da violência. A questão da sexualidade e de problemas

Mulherio

mais específicos da mulher nunca foi o ponto mais forte da entidade.

— O voto feminino foi decisivo na sua campanha?

— As companheiras da UMC tiveram papel muito destacado na minha campanha, não enquanto entidade, mas enquanto mulheres mesmo. Tivemos vários núcleos de mulheres e um comitê muito grande. Apesar desta participação ter sido muito importante eu não atribuiria a vitória tão somente às mulheres — porque houve conjugação de esforços muito grande. Tivemos uma participação incrível de jovens, de pessoas ligadas à Igreja e até de um ou outro empresário que estava insatisfeito com a corrupção e com a falta de soluções das autoridades que se revezavam em Fortaleza.

— Você fará uma administração voltada para as mulheres?

— Sim, farei, em relação à violência enfrentada pelas mulheres vamos criar um Conselho de Defesa dos Direitos Humanos que seja permanente, vinculado aos Conselhos de Segurança dos Bairros, para que qualquer pessoa violentada saiba que terá um respaldo imediato. Pretendemos criar também a Casa da Mulher, uma idéia que precisa ser melhor discutida com as companheiras... Mas veja bem, nós temos a preocupação de que a questão institucional não dite os rumos do movimento de mulheres. A nível institucional temos a proposta de garantir a infra-estrutura mais ligada à mulher e que ela seja acolhida em casos de violência. Vamos nos preocupar em dotar a cidade com creches, lavanderias públicas, tratamento de saúde específico à mulher, Casa da Mulher... Mas achamos que o Movimento de Mulheres deva ser contestador no sentido de fazer crescer a consciência e a mobilização das companheiras. O nível institucional castra isso.

— E em relação ao aborto? Qual será a política municipal?

— Alguém que está em situação difícil, inclusive por problemas de aborto, deve ser assistido. Creio que grande parte do número de abortos ocorre porque não é praticado um trabalho de apoio às mulheres. Mulheres não só católicas, como militantes católicas, fazem abortos. Então acho isso um absurdo, tem que se ter assistência. Não é porque o aborto é considerado um crime que deverá deixar de ser

assistido. Acho que no âmbito do município é possível dar atendimento às mulheres vítimas de abortos mal feitos, e vou batalhar por isso.

— Fale um pouco de você, da sua vida, sua filha...

— Minha mãe dizia que eu não brincava com bonecas. Eu era a médica, a professora, a co-madre... e também nunca brincava dentro de casa. Era sempre na rua ou no rio. Fui estudar em colégio de freiras e desabrochei como mulher muito cedo. As freiras tinham medo e a saída que encontraram foi me manterem ocupada o tempo todo. Dai ia visitar doentes, fazer teatro, dar aulas de catecismo... Em Fortaleza, no Colégio Público, iniciei a vida de militante. Passei a participar de passeatas, a fazer oposição. Na Faculdade, logo de início, peguei uma greve nacional de estudantes, e mantive uma militância muito ativa ligada inclusive às entidades da Igreja. Depois veio o casamento, e a célebre frase de que "casamento é o túmulo dos revolucionários" quase se tornou verdade para mim. Mas isso não em função do casamento em si, mas sim da falta de canais de participação para quem saía da faculdade. Eram as limitações da época. O que me salvou foi uma ligação com a Igreja. Fui assessora de comunidades de base de Crateús... Foi quando fui fazer pós nos Estados Unidos e odiei tudo que vi. Voltei de lá com uma filha, mais madura, e muito disposta a retomar o trabalho. Acabou dando no que vocês viram...

Em relação à minha filha, a Andrea, hoje ela está com 15 anos e curte muito o espaço e a independência de quem é filha de uma mãe que não tem muito tempo para estar junto dela, mas que, quando está, cumpre um papel decisivo.

— Você foi deputada pelo PMDB e depois ingressou no PT. Você teve problemas em relação à luta feminista dentro dos partidos?

— Minha experiência de luta feminista não passou pelo PMDB e nem pelo PT e fui contra que ela passasse. O Partido deve ter no seu programa a defesa da mulher mas eu advogo radicalmente a organização independente da mulher como uma postura própria, porque a luta do povo não se reduz à luta partidária. Enquanto mulher não me senti discriminada dentro do PMDB e nem agora, no PT. □

Maristela Mafei é jornalista e autora do livro *Sangue na Terra, a luta das mulheres*

## BIGODE E BIGODE DÁ BODE?

Maria das Dores Padilla

O Brasil é tido como o maior país católico do mundo. Ao mesmo tempo, as religiões afro-brasileiras crescem paulatinamente com a industrialização e, embora mais "visíveis" sobretudo entre as camadas mais pobres da população, são consultadas por todos. Desde março deste ano e a instauração da Nova República, o Brasil se pensa como uma democracia. Ao mesmo tempo a filha do presidente e seu marido ocupam postos da maior importância na cúpula mais íntima do poder.

O Brasil é o país que mais produz leis e decretos. Ao mesmo tempo, os que obedecem são castigados como "otários", enquanto aqueles que os quebram são frequentemente louvados como "esertos", ou "malandros".

O Brasil é um país de belas mulheres — orgulho nacional. Mas ao mesmo tempo os seus travestis fazem tanto sucesso que (segundo alguns peritos no assunto) estão conquistando espaço das mais tradicionais prostitutas. Alguns foram exportados para o Bois de Boulogne e, no ano passado, Roberta Close, lindo travesti, virou uma espécie de musa nacional, cobiçada por gente "da alta" e foto de capa de todas as revistas.

Charles de Gaulle, perante tanto paradoxo, tanta contradição, simplesmente pronunciou uma frase que ficou gravada na consciência brasileira: "O Brasil não é um país sério". As vezes penso a mesma coisa (só que no caso vejo a não-seriedade como predicado possivelmente positivo), mas também não resisto à tentação de procurar sentidos nisso tudo um pouco porque para viver estes paradoxos preciso compreendê-los, e um pouco porque sou antropólogo. Ossos do ofício.

Neste pequeno ensaio vou contar algumas anedotas sobre masculinidade, feminilidade, homossexualidade e heterossexualidade, no sentido de levantar algumas idéias sobre como estes assuntos se organizam na sociedade brasileira. Faço no sentido não apenas de tentar entender melhor o Brasil, como também de provocar um olhar mais crítico para a Europa e América.

A homossexualidade é entendida (sem trocadilhos!) no Brasil através de dois códigos muito distintos: o primeiro, europeu, é produto direto da medicina e a psicanálise; o segundo se expressa melhor nas religiões afro-brasileiras.



## O soldado que deixou de ser homem

Cláudio, alto funcionário de uma federação de cultos afro-brasileiros no norte do Brasil, morava numa simpática palhoça junto com uma empregada doméstica que, embora rapaz, se chamava Sarita, uma cachorrinha pequenina e um soldado que Cláudio chamava de "maridinho". Cláudio gostava tanto do soldado e tanto valorizava sua masculinidade que todo fim de semana lhe dava alguns cruzeiros para que mantivesse relações sexuais com as prostitutas. Um belo dia, Cláudio soube que um amigo seu, também um tanto apegado a soldados, teria "comido" (penetrado) seu marido. Ficou pasmo, fora de si e entre prantos exclamou: "Assim não dá. Só durmo com homem mesmo, nunca com bicha. Bicha com bicha dá lagartixa. É lesbianismo. Que horror!" Expulsou o soldado e se pôs a procurar um novo marido.

## Os dois bigodes

Dois rapazes que tinham um caso brigavam sem parar. Disse um deles: "A dificuldade é que dois bigodes na mesma cama nunca dá certo. Homem com homem dá lobisomem".

## O jovem mineiro

Um amigo meu que foi criado no interior de Minas Gerais conta que ele e seus amigos na sua adolescência, por falta de mulheres disponíveis, se satisfiziam sexualmente "comendo" éguas, bananeiras e bichas. Atividades de macho.

## Troca - Troca

É costume entre rapazes adolescentes uma espécie de contrato sexual que se chama troca-troca. **A** come **B** primeiro. Depois, **B** come **A**. Um amigo me contou que no seu colégio um par desses foi flagrado por um professor. O que estava "comendo" na hora sofreu uma bem-humorada repreensão. O outro, que estava dando, foi expulso, sumariamente.

O princípio básico que empresta sentido a estas anedotas é que o mundo social se divide entre pessoas atribuídas com masculinidade e feminilidade em vários graus, que independem do sexo destas pessoas. É um sistema baseado em papéis de gênero, e não em sexo fisiológico.

Dito isso, constata-se que as pessoas de sexo masculino se dividem entre os que são socialmente

masculinos (os homens) e femininos (as bichas). Dos primeiros se espera um comportamento masculino na vida cotidiana e na cama o que se convém chamar de "atividade". Dos segundos se espera desde pequenos "trejeitos" femininos até a quase total incorporação do papel feminino (os travestis), e na cama o papel "passivo". Uma relação sexual-afetiva se concretiza quando os gêneros masculino e feminino se encontram. É assim que se explica a tristeza de Cláudio quando sabe da "passividade" sexual de seu soldado. É assim também que se entende porque é que "dois bigodes na cama" sempre brigam, pois neste sistema cultural o "desvio" é menos o fato de duas pessoas do mesmo sexo manterem relações sexuais e muito mais duas pessoas do mesmo gênero. É por

damente competitivas. O jogador de xadrez "come" as peças de seu oponente, e o time de futebol vence a partida "comendo" o time derrotado.

Até agora falei das relações entre homem e mulher e entre homem e bicha. **Mutatis mutandi** os mesmos princípios também se aplicam nas relações entre pessoas do sexo feminino. Estas são "aceitáveis" quando uma das parceiras representa um papel masculino (ela será chamada de "sapatão") enquanto a outra representa a feminilidade (ela se chama de "lady"). Confesso que não tenho muito conhecimento sobre este lado das coisas.

O que talvez interesse acrescentar, portanto, mesmo parenteticamente, é uma simples mas instigante observação que tem a ver com o tipo de feminilidade produ-



zida pelas bichas e a masculinidade produzida pelos sapatões. No primeiro caso a ênfase cai na delicadeza e, no caso dos travestis, as "mulheres" produzidas são geralmente "finíssimas", com sinais de riqueza e educação. Dificilmente se encontram empregadas domésticas, por exemplo, a não ser nas situações de deboche teatral (e a Sarita não se vestia de empregada).

No segundo caso, o dos sapatões, o modelo masculino parece pautado não nas classes médias e altas, mas sim nas classes trabalhadoras, sobretudo na figura do motorista de caminhão, que é representado geralmente como personagem grosseiro e extremamente agressivo. Às vezes, e as feministas que me perdoem, me lembra um pouco da imagem corriqueira do homem estuprador e machista que jaz nas entrelinhas

da literatura feminista. É dito também que nas boates de mulheres as brigas são muito mais frequentes que nas boates dos rapazes. Interessante especular sobre estas visões masculinas e femininas da feminilidade e da masculinidade, pois ao menos previne contra o uso do termo "inversão" para os comportamentos que descrevo. As bichas e sapatões raramente produzem mulheres e homens realmente verossímeis. Produzem, isto sim, mulheres e homens com sotaque masculino e feminino, e é talvez por isso que Roberta Close fez tamanho sucesso - o sotaque no caso era imperceptível.

O que acabo de descrever é um sistema de regras relativamente simples e coerentes. É claro que as regras são frequentemente quebradas e a vida "real" é o resultado não somente da previsibilidade como do inesperado. Nada mais chocante (e para alguns titilante) que o homem musculoso e " másculo" que gosta de ser "passivo" na cama. Nada mais farsante (e também excitante) que o travesti "bem dotado" que faz seu "troitoir" com êxito "comendo" seus clientes, homens de negócios, donos de mercedes benz. Mas estas excessões são excessões por causa das regras, e são por elas possibilitadas. E mesmo se são excessões a umas regras, reforçam a mais importante de todas, que é a relação sexual realmente desejada, aquela que envolve a divisão do casal entre "atividade" e "passividade", entre "masculinidade" e "feminilidade", independente mente do sexo fisiológico dos parceiros.

Já nestas alturas a leitora (e o leitor) pode estar achando que estou delirando. Que o Brasil não pode ser assim. Afinal, faz parte do Ocidente e ninguém falou ainda em homossexualidade e heterossexualidade, em homossexuais e heterossexuais. Esta leitora (e este leitor) está com a razão, pois o "sistema" que descrevi não deixa de ser uma abstração da "realidade" brasileira que nunca se encontra no seu estado "puro" no chão sociológico. Ele de fato coexiste com um outro "sistema" de significações que é aquele dominante na Europa e nos Estados Unidos.

Neste sistema, o parâmetro dominante na classificação dos personagens sociais e nas relações sexuais não é mais os papéis de gênero e suas relações, mas sim os sexos fisiológicos e suas relações.

Como todos sabem, há um longo movimento que data da segunda metade do século dezenove que vai fazer com que as pessoas

vão ser definidas nem tanto pela sua "feminilidade" ou "masculinidade", mas pela suposta preferência de manter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto, ou ambos. Do ponto de vista deste "sistema", o homem do "sistema brasileiro" que acabo de descrever que, de vez em quando, mantém relações sexuais com bichas seria visto como homossexual ou bissexual, e não mais como "homem mesmo". Da mesma forma, a "lady" que mantém relações sexuais com um "sapatão" seria redefinida como "lésbica". Vejamos agora algumas anedotas tiradas de situações onde estes dois sistemas entram em contraste e conflitam um com o outro.

### Os meninos de Salvador

No seu romance **Capitães de Areia**, Jorge Amado descreve a vida de um bando de rapazes das ruas de Salvador, no Estado da Bahia. O líder do grupo, Pedro Bala, é amigo de um padre que insiste que ele extirpe a "homossexualidade" do grupo, já que pecado é. Pedro concorda e logo expulsa "os passivos".

### A confraternização

Após três longos e seríssimos dias de debates e discussões sobre a homossexualidade no Brasil, os membros de várias organizações envolvidas se reuniram numa boate "gay" na cidade de São Paulo para confraternizar. A dona da boate, com muita vontade de agradar seus fregueses, ofereceu o show de graça. Apareceu no palco um homem musculoso e severo que se pôs em pé, olhando impassivelmente para a platéia. Logo em seguida surgiu um travesti, Fedra de Córdoba, que começou uma insinuante dança de sedução, usando todas as artimanhas "femininas" possíveis para conquistar o homem estatuesco. Mas nunca chegou ao seu intento porque a platéia, tomada por uma raiva extraordinária, começou a vaiar, gritando palavras de ordem do tipo: "Abaixo o machismo. Abaixo o autoritarismo". A cortina caiu antes do final do espetáculo e Fedra desabafou: "Gente péssima. Nada entende de arte."

### O entendido novo

Adelmo, baiano morando em São Paulo, recebeu uma visita de seu primo Boris, também da Bahia. Boris estava em dificuldades com um rapaz que muito amava, pois este ameaçava cortar a relação devido à intransigência de Boris na cama. Confiava ao seu pri-

mo que até poderia pensar em "dar" para seu amante, só que não queria "virar bicha". Adelmo explicou para Boris que São Paulo não é Bahia Lá no Nordeste havia bichas, ele disse, mas em São Paulo havia entendidos, gente que fazia de tudo na cama com seu parceiro sem adotar nenhum traço de "feminilidade". Boris aceitou a explicação de seu primo, "deu" para seu amante e ficou feliz para sempre.

### Falsa consciência

Comentário de um militante do movimento homossexual de São Paulo sobre um rapaz pobre com quem mantinha relações sexuais em troca de dinheiro: "Este rapaz jura que não é homossexual. Incrível como pode, mas suponho que ele pode se enganar bem alegando que só faz por causa do dinheiro."

fundo a questão dos papéis de gênero, e um dos pontos principais do consenso foi o de que as relações sexuais-afetivas realmente satisfatórias são aquelas que ocorrem entre pessoas social e sexualmente iguais, onde o "troca-troca" seria a fórmula sexual mais adequada. Fedra de Córdoba e seu homem representavam tudo que eles estavam querendo negar.

A tendência, neste embate de sistemas, é normalmente de que cada lado interpreta o outro em seus termos. Assim, no caso dos meninos de Salvador, Pedro Bala interpreta o padre em termos do seu sistema baseado em papéis de gênero, e expulsa "os passivos". Do ponto de vista dos membros dos movimentos homossexuais, os que aderem ao primeiro sistema de significações são vistos como portadores de "falsa consciên-

cia". O que vejo é um embate desigual por hegemonia, e tenho dúvidas sobre o resultado final. Mais cedo, mas tarde, o "sistema" dos homossexuais e heterossexuais eliminará o "sistema" dos homens, mulheres, bichas e sapatões.

Mas, por enquanto, ambos convivem, um concentrado nas classes trabalhadoras, outros nos outros, nos segmentos economicamente privilegiados da sociedade brasileira, mas mesmo assim estendendo-se bem além desses nichos sociológicos.

Por final queria me estender um pouco mais sobre esses nichos. Creio que o nicho onde o segundo sistema é mais denso está realmente na área da medicina e das psicoterapias. Creio também que o primeiro sistema manifesta maior densidade justamente nas religiões afro-brasileiras. Se a cosmologia da medicina e das psicoterapias é a cosmologia da homossexualidade e heterossexualidade, com infinitas interpretações de suas causas e consequências, a cosmologia do candomblé é a cosmologia dos papéis de gênero e suas complexas interrelações. O rapaz que é um pouco efeminado será chamado no candomblé de **adé** e provavelmente será visto como "filho" de uma divindade feminina (Iansã ou Oxum geralmente). Ninguém negará seus desejos e nenhum "homem" será castigado por manter relações sexuais com ele. Da mesma forma com as mulheres. Tanto é que a grande maioria dos mais famosos líderes dessas religiões são homens e mulheres com esses gostos sexuais. Como os berdaches dos índios das planícies dos Estados Unidos, são prestigiados como curadores e adivinhos.

Noutras palavras, o primeiro sistema e o segundo sistema se opõem como a desvantagem social e econômica se opõe ao privilégio: um é ancorado num sistema de crenças oriundo da África, e o outro numa cosmologia que surgiu na Europa individualista moderna. É claro que, apesar de suas origens geográficas e históricas, estes modos de pensar e agir socialmente são fundamentalmente contemporâneos e brasileiros. Mas por mais "brasileiros" que sejam, creio que levantam questões que dizem respeito a outros. Afinal, tudo indica que o primeiro sistema que identifiquei no Brasil existia de forma ao menos parecida justamente nas sociedades que também produziram o sistema dos homossexuais, bissexuais e heterossexuais...

Marisa das Dores Padilla é espanhola, vive no Brasil há alguns anos, na Baixada Fluminense, e se afirma feminista de verdade.

Mulherio



Estas anedotas revelam um pouco mais sobre o segundo "sistema" de significações de que falei antes. Revelam a presença de um novo personagem em cena, o "homossexual" e o "entendido". Este, como fica claro na história dos primos baianos, não é nem "homem" nem "bicha" do primeiro sistema. É quem se define pelo seu gosto de manter relações sexuais com outro do mesmo sexo, mas sem o jogo da masculinidade e feminilidade presente no primeiro sistema. A história da confraternização homossexual revela ainda que a relação ideal entre duas pessoas é uma relação de **igualdade**. Quaisquer sinais de "submissão" feminina são interpretados como "machismo" e "autoritarismo" e vistos como **mal a ser executado**. De fato, antes dessa confraternização, os homossexuais tinham discutido a

cia", pois o que eu defini como um "sistema de significações" é para eles apenas um truque para camuflar a verdade que é dada pelo segundo "sistema". É assim que o homossexual pode negar a integridade de seu parceiro, acusando-o de se enganar através da noção de "sexo para o lucro". É assim também que os militantes podem xingar Fedra enquanto ela, espantada, não entende como alguém pode ser tão pouco sensível para "entender arte".

Poderíamos imaginar os dois "sistemas" como estando em pé de igualdade. Mas isto seria ingenuidade demais, pois o segundo, oriundo das ciências médicas e psíquicas dos países do primeiro mundo, e carregado para o Brasil pelos segmentos mais privilegiados da sociedade, tem, por estas razões, um peso político bem maior que o pobre primeiro "siste-

Nos debates contemporâneos sobre paz as mulheres não mais cumprem o papel de divulgadores de palavras de ordem desvinculadas de suas vidas cotidianas. Não basta interromper a guerra, é preciso desmontar os mecanismos que a supõem.

# ENSAIO A MÃE IDEAL E O SOLDADO IDEAL

Birgit Brock-Utne  
Tradução Lea Schontag



Durante a Guerra da Criméia, seiscentos soldados, devido a um erro crasso, caíram numa armadilha. Foram todos mortos. Tennyson descreveu sua morte "heróica" no seu "A Carga da Brigada Ligeira". Um poucas linhas do poema servirão para ilustrar o heroísmo com que os soldados fizeram seu sacrifício: "Avante Brigada Ligeira! Havia algum homem assustado? Não, apesar de os soldados saberem que alguém havia se enganado. Não lhes cabia retrucar, Não lhes cabia ponderar. Cabia-lhes tão somente fazer e morrer. Para o vale da morte. Marcharam os seiscentos.

## Algumas semelhanças

O poema de Tennyson ilustra algumas das semelhanças que há entre o soldado "ideal" e a mãe "ideal".

Ambos são oprimidos, ambos explorados, ambos levados a obedecer ordens de homens que têm mais poder e status que eles, e são ambos levados a sacrificar suas vidas por outros que são julgados mais importantes. "Não lhes cabia ponderar", apenas aceitar o sistema como uma virtude.

A pesquisadora pacifista Betty Reardon (1991) sustenta que o que o soldado fez pela nação, o guerreiro fez pela tribo através de séculos. A mulher foi treinada para sublimar as próprias necessidades em função dos qu-

mulherio

tos. Os soldados e as mães têm um dia dedicado em seu favor. São os dias nos quais a sociedade oferece agradecimentos por seus sacrifícios, de acordo com as palavras de Reardon (1981): "lembrando-lhes que foi para isso que eles nasceram e que através disso é que eles continuarão a ser identificados e a ter significado; porque a guerra e a vida doméstica fazem parte da ordem natural das coisas, como são os papéis fixos de soldados e mães nessa ordem".

A corrente militar de comando está conceitualmente próxima da família patriarcal, sendo ambas essencialmente organizações hierárquicas. Em ambas instituições, a obediência é uma virtude e a desobediência severamente punida. A obediência à autoridade é a pedra angular de uma máquina militar efetiva e o princípio fundamental de uma família patriarcal.

A falta de nome próprio também é um traço comum entre mães e soldados. Apesar das

Você já lembrou de uma mãe arque/estereotípica ao olhar uma foto de um marinheiro na Guerra do Vietnã? Provavelmente não. As imagens da guerra e seus agentes (morte) se afastam muito de cenas de aninhamento e amamentação (vida). No entanto, como demonstra Birgit Brock-Utne há mais pontos de contato entre esses opostos do que que supõe nossa vã consciência bi-polarizadora.

mães sacrificarem suas vidas por seus filhos, os filhos serão de um modo geral conhecidos pelo nome de seu pai. Sua mãe é esquecida nos livros de história, como o é a maioria das mulheres. A maior parte dos soldados que sacrificam suas vidas também não têm nome. O túmulo do Soldado Desconhecido sob o Arco do Triunfo, em Paris, tornou-se um símbolo dos soldados sem nome mortos nos campos de batalha. Nos livros de história nós lemos sobre Alexandre o Grande e as batalhas que ele venceu. Bertolt Brecht perguntou: Será que ele as venceu sozinho? Não havia ninguém com ele? Não teria ele nem um cozinheiro a seu lado?

## Algumas diferenças

Apesar de serem marcantes as semelhanças entre a mãe "ideal" e o soldado "ideal" há também diferenças distintas em seu treinamento. Ambos são levados a sacrificar-se, ambos são

treinados para serem obedientes e submissos. Porém as mães dão a vida e procuram proteger a vida que elas deram, enquanto os soldados são treinados para tirar a vida.

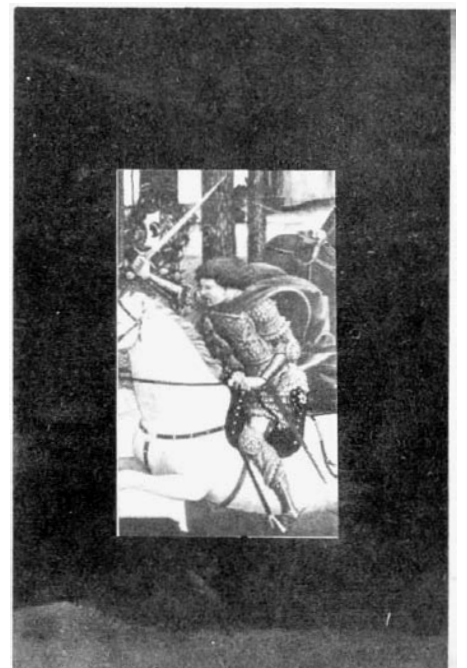
George Gilder (1973) escreve sobre o treinamento de recrutas no quartel do Corpo de Fuzileiros Navais: "A partir do momento em que se chega, os instrutores de treinamento começam uma corrente de abusos misógenos e anti-individualistas. As boas coisas são masculinas e coletivas; as desprezíveis são femininas e individuais. Virtualmente cada frase, cada descrição, cada lição abrange esta dualidade sexual, e a anatomia feminina oferece uma rica metáfora para cada degradação.

Quando você quer criar um grupo militar de homens assassinos, é isso que você faz, você mata a mulher dentro deles.

O comportamento que muitos pais, e também muitas mães, consideram sexualmente adequado para o pequeno garoto é levado a extremos no treinamento do soldado. Ele deve ser rude, forte, nunca fraco nem preocupado com sentimentos suaves para com o "inimigo".

Uma mãe que tenha treinado seu filho para considerar os outros seres humanos, para ser emotivo e cálido e que o tenha feito brincar com bonecas de preferência a com revólveres, poderá ver muito de sua educação destruída pelo sistema militar que seu filho é forçado a enfrentar.

O texto acima foi apresentado no Encontro de Especialistas da UNESCO em dezembro de 1981 e publicado no caderno "Pela Vida Pela Paz", editado pelo gabinete Lucía Arruda IPT - RJ. Revisão Ângela Borba e Danda Prado



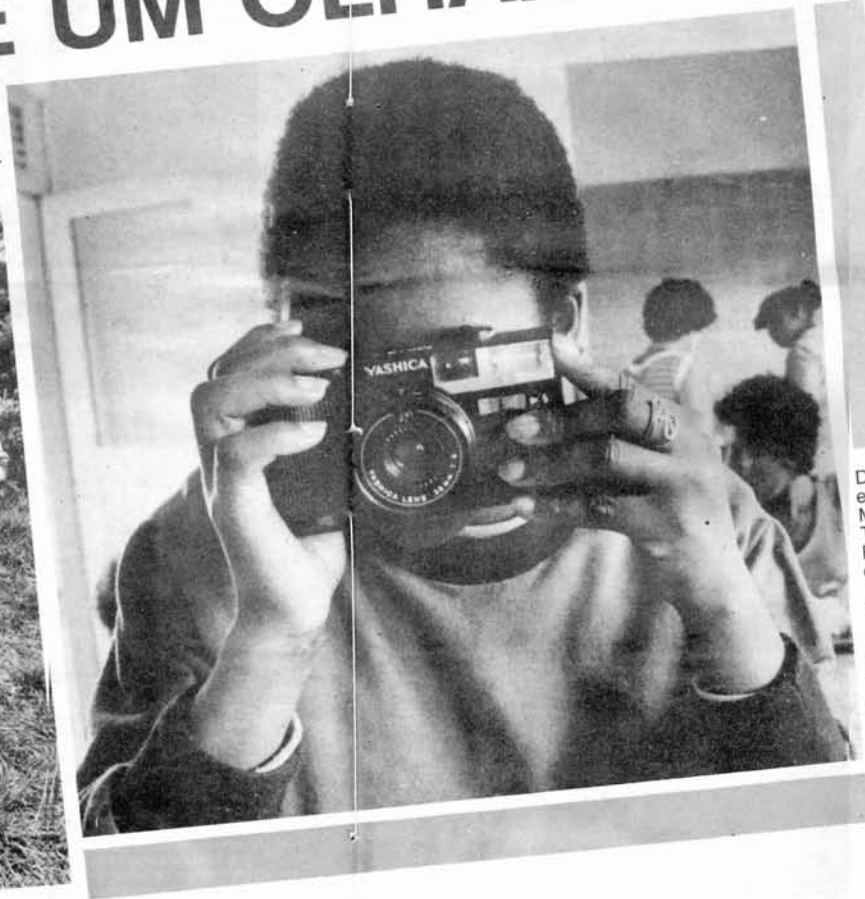
Em julho passado o Núcleo de fotografia do Centro Cultural São Paulo promoveu uma oficina de fotografia na FEBEM – Fundação para o Bem Estar do Menor. Coordenado pelo fotógrafo André Bocato, o trabalho com dez meninas, entre 13 e 15 anos de idade, resultou numa coletânea de fotos chamada As meninas da FEBEM.

As fotógrafas Rosa Gauditano e Nair Benedicto documentaram a Oficina. Mulherio publica aqui parte desse trabalho, num ensaio fotográfico de Rosa Gauditano. A poeta Guta Marques Porto, que já trabalhou na FEBEM, viu as fotos da Rosa, se emocionou e produziu os versos também aqui publicados.

Fotos das fotos e versos das fotos. Emoção da emoção. Linguagens que se encontram nessas quatro páginas. O próximo elo dessa emoção é seu.

# EM BUSCA DE UM OLHAR

Menina de cobre e aço  
Já perto do muro tem vigia.  
Arrepia os cabelos mesmo assim. Suspende essa saia  
que eu quero tua coxa de escama, teu olho de sereia, tua cara de lua cheia.  
Lá perto do muro tem vigia. Tira rápido.



Dai não dá pra ver  
e se chega muito perto embaralha.  
Mas tira.  
Tem uma boneca dentro de mim.  
Bem aqui, no meio aceso de mim,  
que sangra.

Arranquei fio de cabelo, ralei pintura da pele. E de uma só vez  
afundei os dois olhos.

Deixei de brincar pra ela perceber o desatino.  
Mas cadê ela parar de me querer?  
Não tem qualquer cerimônia  
qualquer arranjo entre nós.  
Tem vigia perto do muro. Faz. Mas finge.  
Esse lugar não é nosso.

Tira tira tira tira  
de mim a boneca cega que quer peito  
me traz pra cama e desfila ladainha debaixo da calça.  
E escorre.

Cabeça quebrada, pé arrancado na fuga.  
Bússola estourada a pedra.  
Foi ele. Tira. Foi ele. Pega logo o desgraçado.



As vezes me dão corda, riso cúmplice e doce.  
E Maria fecha a porta.  
Quem manda aqui sou eu. Nesse quartinho.



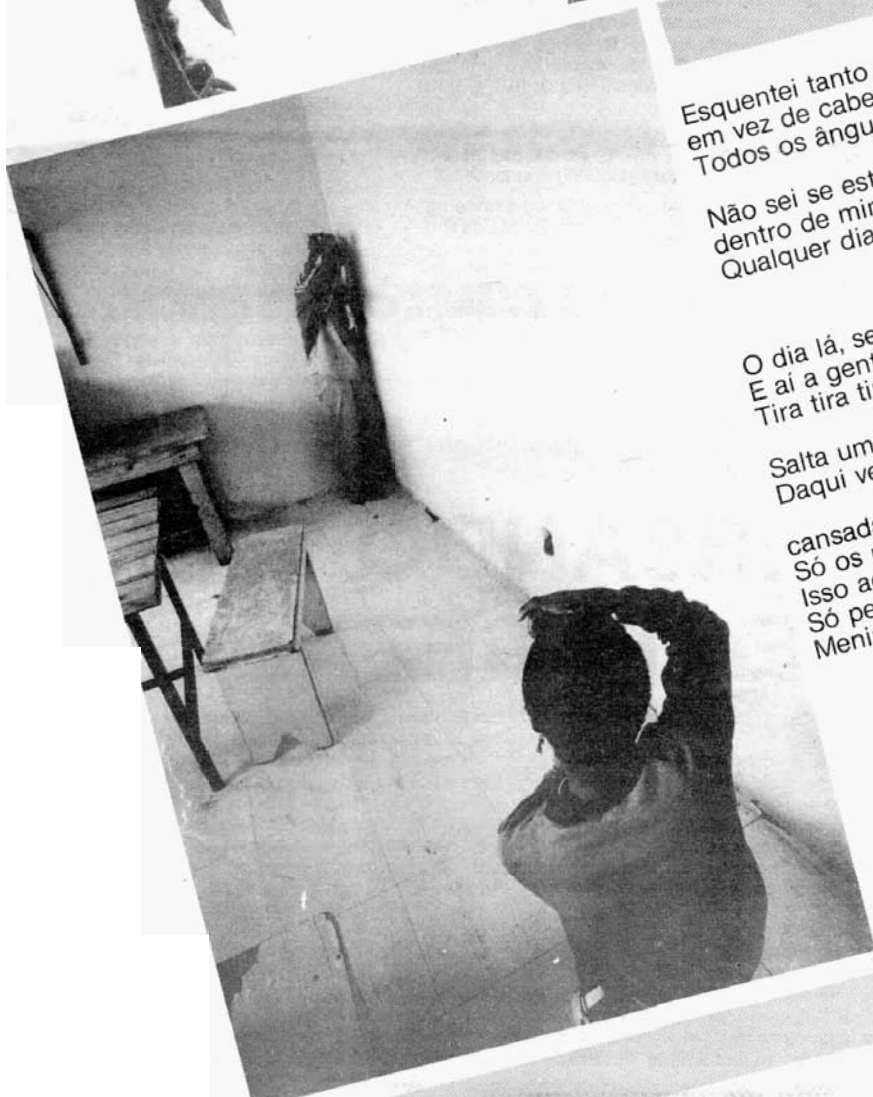
Tira e eu escondo.  
Aqui atrás você não me pega.  
Dou o sorriso que quiser, afio os dentes.  
Amo aquela ali, ô. Minha mulher.





Esquentei tanto a cabeça por isso que até parece que uso malha  
em vez de cabelo. Pesa.  
Todos os ângulos de mim morrem de fome.

Não sei se estou feliz, se é pose.  
dentro de mim também mora uma estranha.  
Qualquer dia eu pego e levo você pro Capão Redondo e aí  
sim.



O dia lá, sei lá, tem mais luz.  
E aí a gente tira de novo.  
Tira tira tira. Morre de tirar.

Salta um pedaço de mim no canto.  
Daqui vejo as paredes fazendo bico. As mesas compridas  
fazendo bico. As meninas

cansadas fazendo bico.  
Só os muros que não, do lado de fora.  
Isso aqui é o fim do mundo.  
Só penso em Capão Redondo e no quartinho.  
Menina de cobre e aço, tô bonita aqui no canto?

Para a ONU, o que as Organizações Não Governamentais (designadas, neste mundo cheio de siglas, de O.N.G.) fizeram durante o Decênio da Mulher? A resposta está num documento preparado pelo Secretariado das Nações Unidas, a pedido do secretário-geral. O documento relata as atividades das O.N.G. com estatuto consultivo frente ao Conselho Econômico e Social da ONU. E nós o resumimos para você mantendo o tom de relatório do texto original:

## A DÉCADA E O FUTURO, SEGUNDO A ONU

As Organizações Não Governamentais apoiaram ativamente os objetivos do Decênio, trabalhando muito para dar a conhecer e pôr em prática as recomendações das Nações Unidas. Realizaram pesquisas e publicaram uma grande quantidade de materiais como manuais, livros de recursos, folhetos, cartazes, audiovisuais etc. Organizaram múltiplas conferências, seminários, grupos de trabalho e reuniões paralelas para representantes regionais dos diferentes grupos, como preparação para a Conferência de 85. Apoiaram os programas e projetos governamentais, assim como os Conselhos e Ministérios de Assuntos da Mulher, nos países em que esses foram criados.

As respostas dos governos e das diferentes O.N.G.s em todo o mundo a um questionário enviado pela ONU confirmaram que o Decênio da ONU contribuiu para melhorar a imagem da mulher na sociedade atual, para reconhecer

sua contribuição e para identificar suas necessidades.

Segundo essas respostas, as transformações foram lentas e nem sempre positivas. Os avanços foram importantes na educação, no campo econômico e na participação das mulheres nas campanhas pela paz a nível mundial. Mas ainda falta muito por fazer na participação da mulher na vida política de cada país e no processo decisório em todos os níveis da sociedade contemporânea.

### Para o futuro: romper costumes

O informe indica que a mulher teve que enfrentar costumes e tradições milenares para alcançar sua emancipação, e que são esses costumes os maiores obstáculos a vencer. A situação econômica atual, especialmente aquela enfrentada pela mulher no Terceiro



Mundo, tem colocado em perigo as conquistas alcançadas. A falta de participação ativa da mulher no processo decisório dificultou sua integração na vida política e econômica do país. Além disso, a liberdade que as mulheres alcançaram para determinar se desejam ter ou não ter filhos foi limitada naqueles países onde o controle da natalidade se tornou política estatal.

Quanto às estratégias orientadas ao futuro, as respostas aos formulários da ONU pedem:

1. No campo político e governamental, maior participação da mulher no processo de tomada de decisões a nível local, nacional e internacional, assim como maior apoio às O.N.G.s e a convenções, declarações e políticas existentes que afetem a mulher.

2. Defesa dos direitos legais, econômicos e políticos desse grande número de mulheres que não dispõem de grupos ou organi-

zações que representem suas idéias ou interesses

3. A necessidade de fortalecer os laços entre os grupos de mulheres nacionais e internacionais, especialmente aqueles entre os países desenvolvidos e os do Terceiro Mundo, no campo da assistência técnica e financeira, e da disseminação de informações.

Quanto às questões ligadas à igualdade e desenvolvimento, as O.N.G. identificaram a necessidade de fortalecer seu trabalho nos países em desenvolvimento na área da educação, na criação de redes de comunicação, na melhoria das infra-estruturas nacionais ou internacionais existentes e no repasse de recursos financeiros.

No campo da paz, a recomendação é desenvolver e apoiar estratégias para economistas, educadoras, cientistas e teólogas que trabalhem ativamente neste campo; e o apoio a mulheres vítimas de conflitos políticos internos.

# ENTREVISTA CONVERSANDO COM RUTH E THEREZA

A Conferência de Nairóbi que encerrou o Decênio da Mulher teve um significado especial para as brasileiras: além da representação do Ministério das Relações Exteriores, a delegação brasileira contou com a presença de Ruth Escobar, presidente do então recém criado Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Para Ruth, o documento final da Conferência "só veio evidenciar aquilo que nós todas já sabíamos, ou seja, que o governo brasileiro não está cumprindo nem 10 por cento do que ele mesmo prega com relação à melhoria da condição feminina."

O trabalho do Conselho agora, com relação às resoluções de Nairóbi vem sendo o de enviar aos Ministérios o documento Estratégias, apontando o que cabe de tarefas específicas na

política de cada Ministério com relação às mulheres.

"O documento saído de Nairóbi é mais um instrumento de pressão para que possamos cobrar do governo aquilo que ele deve", diz Ruth. "Ele é mais do que um conjunto de palavras, uma vez que tem valor jurídico. A partir dele, pode-se entrar com mandatos de segurança dirigidos a órgãos do governo, pode-se parar o funcionamento dos Ministérios. Pois nenhum deles mantém uma creche sequer para seus funcionários!".

Ruth aponta, entre as incoerências do governo, a discriminação das mulheres diplomatas. Thereza Maria Quintella, cônsul-geral do Brasil em Londres, é uma das três únicas ministras do Itamaraty que existem atualmente no Brasil,

onde não há hoje nenhuma embaixadora. Foi ela quem chefiou a delegação brasileira na Conferência da ONU em Nairóbi, dividindo seu espaço de intervenção com Ruth Escobar.

Simpática e acessível, ela conversou com *Inês Castilho* em Nairóbi, falando sobre a mulher na carreira diplomática e sobre a importância da Conferência, "uma mini-asmbléia da ONU".

Thereza, como é para uma mulher chegar a um cargo tão alto dentro do Itamaraty?

O Itamaraty teve um início não discriminatório. Inicialmente entraram mulheres na carreira e dessas mulheres algumas chegaram inclusive ao posto mais alto na profissão. Foram embaixadoras. representaram o Brasil em países co-

mo o Canadá, Mercado Comum Europeu, Israel, Costa Rica.

#### Isso foi quando?

Foi um grupo de doze mulheres que entraram na carreira entre 1934 e 1938. Todas essas senhoras já se aposentaram. Quando depois da guerra se criou o Instituto Rio Branco — que é a escola diplomática no Brasil, dentro do Ministério das Relações Exteriores —, ele começou discriminatório: as mulheres não podiam entrar na carreira. E foi preciso que uma das candidatas entrasse com um mandado de segurança para se formar em 1952.

#### Quem foi essa mulher?

É uma moça que já faleceu, chamava-se Sandra Cordeiro de Melo. Foi ela quem fez o mandado de segurança, quem batalhou e abriu o Itamaraty às mulheres. Depois ela se casou com um diplomata e se afastou da carreira, fez a carreira do marido — que é um outro problema das mulheres no Itamaraty. Das mulheres que entraram nessa nova etapa do Rio Branco, hoje em dia somos três ministras. Não existe ainda, formada pelo Rio Branco, uma mulher embaixadora no Brasil.

**Vocês são ministras ou ministros, oficialmente?**

Oficialmente ministras. Durante muito tempo o Itamaraty insistia em que só havia um feminino, que é a embaixadora, e que se distinguia da embaixatriz, que a mulher do embaixa-

dor. Aliás, é curioso porque o Itamaraty é a única profissão que dá título à esposa. Porque a mulher do general não é generala, a mulher do deputado não é deputada, mas a mulher do embaixador é embaixatriz, tem o seu título e gosta muito de ser chamada por ele.

Mas entre as profissionais mulheres do Itamaraty a única que tinha o seu título no feminino era a embaixadora. E os colegas insistiam que não, que não havia feminino reconhecido na gramática para as outras funções. É de um tempo para cá que finalmente o Itamaraty reconhece que nós somos ministra, conselheira e secretária. Acho que talvez para isso tenha influído o fato de nós termos tido uma ministra da Educação. Então se há ministra, se há juíza, deputada e senadora, porque não haver também no Itamaraty os femininos?

**O Brasil teve uma posição inovadora, com um discurso feito por você, como chefe da delegação, e Ruth Escobar, presidenta do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Como foi decidido isso?**

A composição do discurso do Brasil, quando ele se dividiu em duas partes, tinha como objetivo exatamente manter a unidade. Ninguém melhor do que Ruth conhece a linguagem e as grandes linhas da campanha pela não-discriminação e pelo progresso da mulher no Brasil. Por outro lado, a diplomacia e a política internacional, têm a sua linguagem própria. Às vezes, um adjetivo, duas palavras que parecem a mesma coisa podem significar uma ligeira va-

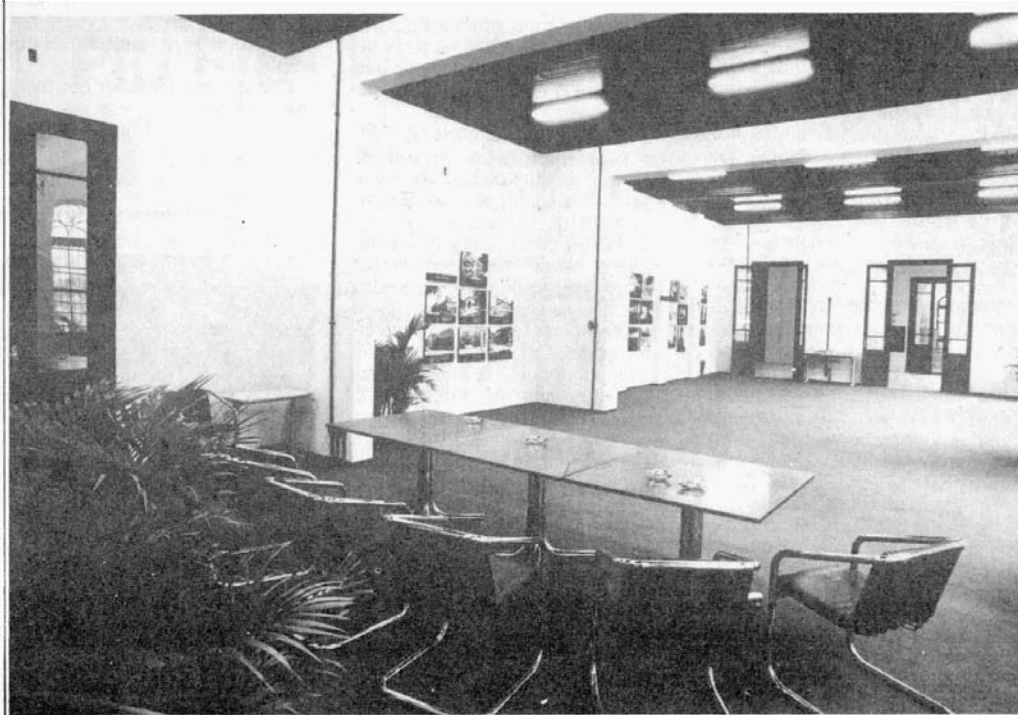
riante, um avanço ou um retrocesso. Por isso eu preferi me estender nos aspectos internacionais, globais — a igualdade do ponto de vista geral, do ponto de vista da mulher no mundo; o problema da crise econômica, colocando a posição do governo brasileiro de que sem resolver os problemas da economia internacional o governo dispõe de menos recursos para desenvolver a mulher. Não é que só promoverá a mulher se resolver os problemas internacionais, mas evidentemente, sem os recursos necessários, é muito difícil trabalhar para o benefício da mulher ou da sociedade brasileira em geral.

**Então, essas colocações internacionais foram a tônica do seu discurso, o que não significa que eu não tenha falado também da mulher no Brasil. Ruth também abordou questões internacionais, mas houve aí, digamos, um desejo de centrar o meu discurso na parte internacional e o de Ruth na parte nacional.**

**Quem faz parte dessa delegação, além de você e Ruth?**

Há duas diplomatas, sendo que uma delas já estava lotada em Nairóbi, porque há uma recomendação do governo no sentido de evitar gastos. A delegação oficial é composta de seis pessoas: quatro delegados, um conselheiro especial que é o embaixador em Nairóbi e um observador parlamentar que é a senadora Eunice Michiles. Os quatro delegados, fomos eu, Ruth, Maria Ercília — diplomata do Itamaraty — e Margarida, de Nairóbi.

## Três Rios: um centro de cultura popular.



O bairro da Luz e imediações ganharão uma nova face, com a implantação do Projeto Luz Cultural, da Secretaria de Estado da Cultura, que tem como objetivo principal revitalizar a área, através da utilização dos equipamentos culturais que já existem — espaços e edifícios de grande valor histórico, destacando-se o antigo prédio da Faculdade de Farmácia e Odontologia (rua Três Rios, 363).

Tombado em 1982 pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico), esse edifício — uma das últimas construções da era republicana na cidade — foi o ponto de partida para o Projeto Luz Cultural.

Atualmente, o prédio da rua Três Rios está sendo reciclado para receber oficinas culturais, destinadas à formação e convivência de trabalhadores da área cultural, abrigando futuros músicos, bailarinos e atores.

O Projeto Três Rios, ao propor a reutilização interna da antiga Faculdade de Farmácia e Odontologia, preocupou-se, também, em manter suas características originais, destinando seus espaços a quatro centros básicos: Centro de Atividades Artísticas, Centro de Informação e Desenvolvimento Profissional, Centro de Pesquisa e Documentação Artística e Pólo de Atração Artística para o Povo.





## Astuta e sábia como o demônio

Reinaldo Pinheiro

*Lilith, a lua negra*  
Roberto Sicuteri  
Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1985, 212 páginas.

Lilith foi a primeira companheira bíblica de Adão, anterior a Eva. A sua história é uma lenda, um sonho tornado pesadelo, algo que teria sido apagado da consciência coletiva através dos tempos.

Lilith foi criada à partir do pó de Deus (e não da costela de Adão, como Eva). Era cheia de sangue e saliva (menstruação e desejo). Ao unir-se sexualmente a Adão, ela não se admitiu inferior e, principalmente, submissa, reivindicando direitos, igualdades. Revoltada, declarou guerra ao pai (Jeová Deus) permanecendo milernamente como a imagem que representa o pecado, o demoníaco, a perversão, desafeto. Um mito ancestral de exclusão. Nocivo, nefasto, sombrio. O lado escuro da lua.

Lilith surge no Paraíso, depois que Adão — que vivia solitário e sexualmente promíscuo com os animais — queixa-se a Deus da necessidade de alguém da sua espécie. Segundo a tradição hebraica, ela teria sido feita de fezes e excrementos, no 6º dia da criação, ao avançar das trevas, um pouco antes de entrar o sábado (dia sagrado para os hebreus), juntamente com os répteis e os demônios.

O "amor" de Adão por Lilith fica logo perturbado, porque quando se une pela carne na posição tradicional, homem por cima mulher por baixo, Lilith mostrava im-

## LEITURA

paciência, descontentamento. Isto assusta bastante Adão. Ela pede para inverterem as posições sexuais, para que se estabeleça uma paridade, uma harmonia, que deveria significar "a igualdade entre dois corpos e duas almas". Adão submete Lilith, que não aceitando esta imposição se revolta e foge do Paraíso, indo morar às margens do Mar Vermelho, onde leva uma vida livre, transformando-se na rainha do Palácio do Demônio. Deus manda uma companhia de anjos em seu encalço, com ordens expressas de trazê-la de volta, senão seria afogada. Lilith, mesmo sofrendo muito e repleta de ambiguidades se recusa e Deus a pune, exterminando seus filhos (demoninhos). "Astuta como a serpente e sábia como o demônio" Lilith, para se vingar, passa a estrangular as crianças de noite nas casas, ou surpreende os homens no sono, induzindo-os a abraços mortais de amor, retirando-lhes a energia vital.

No Paraíso, Deus recompensa Adão com a criação de uma "nova" mulher, Eva, obediente e conformada, que se submete aos caprichos e vontades de seu homem sem questioná-lo.

Mas o que teria efetivamente assustado Adão em sua relação com Lilith? Dentre algumas suposições, talvez a fundamental, seja a que continua até hoje, apavorando a grande maioria dos homens: a dualidade medo/ódio que mulheres como Lilith despertam, ao transarem sua sexualidade de forma prazerosa, livre, sadia. Uma sexualidade feminina forte estaria conectada com o demônio (pecado).

Poderíamos, supor, também, que Adão sentisse na figura de Lilith um comprometimento em relação à figura materna (como poderia uma mulher sexualmente "desregrada" ser a mãe de seus filhos?) e tivesse como todos nós, homens, inveja da condição reprodutora da mulher (Grande-Mãe), sinônimo de proteção, acolhimento, perpetuação da vida, carinho infinito, etc. Mas, para Adão reconhecer este sentimento, não deveria ter sido gerado por uma mulher?

De certeza, temos, que somos todos resultado, em primeiro lugar de um sonho abortado (Lilith) e em segundo, de um "arranjo", onde alguém teve de se submeter,

adequar, para ambos poderem "viver felizes". Neste contexto, Adão e Eva teriam sido os precursores dos casamentos/unões onde as pessoas parecem estabelecer contratos de felicidade a longo prazo, na realidade ajustes e conveniências que mascaram um fato concreto: o medo de viver.

Uma bela viagem a leitura deste livro. Algo que possibilita uma profunda meditação a respeito do papel da mulher (e do homem), da psiquê feminina/masculina.

Reinaldo Pinheiro gostaria de ter sido o primeiro homem de Lilith.

## Feito mulher

Maria Rita Kehl

*Feito criança*

Guta Marques Porto  
Massao Ohno Editor, São Paulo, 1985, 72 páginas

Os poemas de Guta Marques Porto são de se ler de uma tirada só. Pelo menos, foi assim que aconteceu comigo. Passei pelo livro inteiro sem me interromper — depois voltei a alguns poemas, claro: poesia a gente nunca lê uma só vez só. Daí parei comovida, tentando me lembrar de alguma coisa: quando foi que eu já escrevi assim? Tenho certeza de que um dia eu já escrevi assim — quando, esse dia?

Não dá pra situar no tempo. Fica parecendo coisa de mulher mais velha "quando eu tinha a sua idade..." e afinal, ao que parece, eu tenho só três anos mais que ela. Não é paternalista (maternalista) o sentimento que me faz buscar, dentro de mim, o registro da poesia de Guta. Também não é crítico o olhar que procura me situar nesse livro, mesmo que às vezes a ingenuidade excessiva da linguagem que ela emprega me afaste um pouco (...Mas vaso/ mas tenho defeito de fabricação/ mas não enferruja se depois de usar se esquecer de enxugar/ e não gosto de limão nem preciso de vinagre/ para logo depois ficar polida e brilhante/ quando ele volta a me acender como um facho/ virando devagar o botão certo).

Virando e revirando as páginas de "Feito Criança" (Massao Ohno, SP) afinal entendi: eu escrevo como a Guta quando estou apaixonada. Ainda que saia uma poesia completamente diferente, não im-

porta. De repente entendi o que é escrever assim. Um homem, uma paixão, um filho na barriga, a expectativa, a fragilidade, o tesão se renovando todo dia: "Durmo de vermelho desde que você me explicou:/ o 'vermelho te cai tão bem'./ Fiquei me achando romã aberta/ amadurecendo pra você no meio da cama".

Eu escrevo como Guta; toda mulher escreve como ela mesmo sem nunca pegar na caneta e no papel. É a paixão, paixão à nossa maneira, que faz isso. "Ouço o barulho de seus pés arrastando/pacíficas sandálias no terraço./ Sei não, acho que são rumores/ de que o tempo ressecado acabou./ Levanto-me feliz, penteio os cabelos/suspiro e tremo. Sou fêmea outra vez./ Ai, meu Deus, que alívio, era mentira/ era mentira que eu tinha morrido".

Mas não quero dizer que qualquer outra mulher faria a poesia que ela faz. Poesia é linguagem que se empresta à subjetividade, é estilo, é pessoal e intransferível. O que acontece é que no espelho que ela inventou pra se olhar eu me reconheço. E imagino que a Adélia Prado, tão diferente de nós duas, também se reconheça. E a Lucia Villares. E a Ana. E as muitas poetas secretas que existem por aí. A chave dessa identificação está no poema que abre o livro — e que se chama **Comunhão**:

"Eu entendo tudo varando o seu olhar de fêmea mil vezes resuscitada e finjo que não sei que somos iguais.

O que tem no interior dos meus ossos, mãe?

Tem selva, verdura, afeição e serventia

Tutano felizmente não".

Maria Rita Kehl, poeta, trabalha com jornalismo e pintura.



# E erótico lá casa com cristão?

Luiz Mott

*Sexualidade, Libertação e Fé, Por uma erótica cristã*  
Rose Marie Muraro  
Editora Vozes, Petrópolis, 1985,  
124 páginas.

Quando fé religiosa e conhecimento científico se confrontam na análise de uma questão humana concreta — a sexualidade por exemplo — o resultado, seja na Cristandade de João Paulo II, seja no Islão de Aiatolá, é, invariavelmente catastrófico. Por mais liberais e malabaristas que sejam os teólogos, a "revelação divina" tem sempre a última palavra. Deus falou — está falado. A fé é um passo no escuro: destrua-se o telescópio de Galileu, que Leonardo Boff se cala. A infalibilidade do dogma é essencial à unidade do rebanho de crentes. Um só rebanho, um só pastor.

Este último livrinho da primadona do feminismo católico tupiniquim lastimavelmente é um grande fiasco. Apesar de humildemente sub-titular-se "Primeiras Indagações", *Por uma Erótica Cristã* revela as limitações e contradições

insuperáveis dos que crêem na mitologia judaico-cristã como a concretização acabada e perfeita da própria "moral natural", esquecendo-se do beabá do conhecimento antropológico e da história comparada das religiões que comprovam, por A mais B, que nenhum código moral pode arvorar-se em ser mais perfeito do que o outro, posto que para o grupo social que o segue, constitui a resposta cultural adequada para o modo de viver da comunidade em questão. A condenação recente, por exemplo, da poligamia africana por parte do Papa polonês, revela o quão longe da verdade científica e dos direitos humanos a Igreja ainda se mantém, negando o direito à alteridade, sob a alegação altamente questionável de que a família nuclear do tipo judaico-cristã representa maior perfeição do que as soluções alternati-vas.

Tendo publicado em 1983 o volumoso *Sexualidade da Mulher Brasileira*, muitos foram os debates, sobretudo no meio católico, provocados por aquela obra. Aproveitando-se então de tais discussões, e de outro tanto de palestras, seminários e grupos de reflexão, Muraro organizou este material que é o conteúdo da presente obra. Seus interlocutores são agentes pastorais, teólogos, terapeutas, cientistas sociais, feministas, militantes de movimentos sociais.



Sem nenhum questionamento crítico, a Autora informa que "evidentemente" os nomes dos debatedores são fictícios, "para manter a maior privacidade e liberdade — liberdade que faz o núcleo da caminhada, do pensamento e da ação do povo de Deus que é a Igreja..." (p. 7) Anonimato estratégico, pois o medo da Inquisição não é injustificado: o recente castigo ao franciscano da teologia da libertação está na lembrança de todos. O Santo Ofício renasce das cinzas: a proibição do filme de Godard, "Ave-Maria" em vários países é apenas a ponta de um tenebroso iceberg do qual as CEBs da

vida, os Cursilhos e TFPs são as pontas de lança.

Conversando sobre temas os mais variados — do aborto à homossexualidade, do adultério e masturbação ao celibato, passando pela dimensão teológica da sexualidade e da ética sexual — ao todo são 23 capítulos! — o resultado final destes debates é algo que certamente o mais indulgente dos teólogos e os mais cândido dos sexólogos não titubeariam em considerar um verdadeiro desastre! Desastre duplo: lastimavelmente, os interlocutores e a própria Rose Marie Muraro revelam grave desinformação em matéria de nova teologia moral, e igualmente, chocante desatualização quanto à mais elementar teoria antropológica da sexualidade. O capítulo sobre o homossexualismo — sintomaticamente colocado em último lugar no livro — deve ter feito Oscar Wilde tremer no túmulo. Em vez de veicular chavões de efeito duvidoso, do tipo "a voz da revelação nós a ouvimos no chão da história..." (p. 40), ou "ameaçadoras são as liberdades pela metade..." (p. 62), que os teóricos da "Erótica Cristã" cumpram o que prometeram: decodificar os fenômenos sexuais passando-os pelo crivo das ciências humanas (p. 118). Caso contrário jamais escaparão do fascínio irresistível da diabólica serpente da maçã do amor. Ave Maria! □

Luiz Mott é professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Bahia

**PIU PIU**  
Venha curtir a intensa movimentação de um bar onde acontece de tudo  
Rua 13 de Maio, 134 Tel.: 258-8066

**ESCOLA QUÁ - QUÁ**  
Educação Infantil manhã - tarde - integral  
Curso de Férias-janeiro e fevereiro  
Matriculas Abertas  
Rua Cunha Gago, 832  
Fone 210-6615, SP

**MULHERIO**  
anúncios  
Ligue para (011) 212.9052 e fale com a Regina ou escreva para Rua Cunha Gago 704 - 05421 São Paulo

**ASSINE MULHERIO ASSINE**

Assinar *Mulherio* é bom e barato. E é a melhor maneira de você receber o jornal regularmente em sua casa, a cada dois meses. Ou resolver aquele presente complicado de aniversário ou Natal. É fácil. Preencha o cupom ao lado e envie, junto com um cheque nominal cruzado, — para Núcleo de Comunicação Mulherio, Rua Cunha Gago, 704 — CEP: 05421 — São Paulo — SP. Caso você deseje fazer mais de uma assinatura, confira nossos preços especiais. Você pode também adquirir as coleções de *Mulherio*, 1ª fase (12 números) e 2ª fase (6 números).

Assinatura (6 números) **Cr\$40.000**

**Promoção**

<input type="checkbox"/> 2 assinaturas.....	Cr\$ 76.000
<input type="checkbox"/> 3 assinaturas.....	Cr\$ 108.000
<input type="checkbox"/> 4 assinaturas.....	Cr\$ 140.000
<input type="checkbox"/> Coleção 1ª fase.....	Cr\$ 15.000
<input type="checkbox"/> Coleção 2ª fase.....	Cr\$ 20.000

Formulário de inscrição:

NOME \_\_\_\_\_  
 ENDEREÇO \_\_\_\_\_  
 CIDADE \_\_\_\_\_  
 ESTADO \_\_\_\_\_  
 CEP \_\_\_\_\_  
 TEL. \_\_\_\_\_  
 PROFISSÃO \_\_\_\_\_ IDADE \_\_\_\_\_

COZINHA

O Apolo de Vila Maria

Quando chegou ao Aeroporto de Cumbica, vindo dos domínios de Margareth Thatcher, o novo prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, não deu o clássico grito de "mulheres, cheguei", mas trouxe uma novidade para suas eleitoras: a barba à Soljenytzin, isto é, sem bigode, que teria sido uma promessa feita às mulheres da Vila Maria.

Foi também cumprindo promessas feitas a "senhóras" (é assim que ele fala) de São Paulo que, na sua curta passagem pela presidência da República, Jânio proibiu o biquíni e o lança-perfume. Pelo menos é o que ele disse em várias entrevistas publicadas antes que ele virasse a casa para a imprensa. Sim, senhóras, tem gosto pra tudo, né?

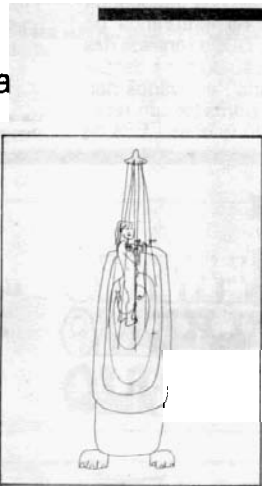
Calendário 86



No dia 5 de dezembro o Conselho Estadual da Condição Feminina lançou o Calendário 86, um belo trabalho gráfico com fotos de Ana Elisa Oriente e pesquisa de Maria Lúcia Mott. Dando continuidade à proposta de resgatar a memória de mulheres que tiveram uma atuação política decisiva na história do país, este ano o Calendário traz retratos e biografias daquelas que se destacaram nas lutas pela libertação da mulher. O Calendário é distribuído gratuitamente e pode ser solicitado ao CECF, Rua Estados Unidos 346, tel: 280-0900 / 280-1188 / 852-1750.

Menstruação já era

Aconteceu no XIV Congresso de Ginecologia e Obstetrícia, Recife, comecinho de novembro. Elsimar Coutinho — que nunca foi ginecologista e sequer sexólogo — falou na conferência de abertura que menstruação já era. Defendendo uma descoberta para tratamento da endometriose, o doutor baiano, conhecido por aplicar contraceptivos injetáveis e implantes hormonais sub-cutâneos sem que as mulheres sejam avisadas, vê grandes vantagens na amenorréia.



No mesmo Congresso o dr. Avrton de Andrea Filho, numa mesa graciosamente intitulada **Higiene e Menstruação** disse que o que falta no Brasil são duchas descartáveis para que as mulheres possam fazer sua higiene íntima prevenindo vaginites.

A gente fica sem saber se deseja boa sorte ao novo presidente da FEBRASGO (Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia), Dr. Hans Haib, ou se diz pra ele ver se evita tanta misoginia disfarçada em terapêutica.

Sir Ney e as motoqueiras quadradas

Deu na Isto É, edição de 11/12/85, que os chefes de Estado que visitarem o Brasil a partir do próximo ano, quando estiverem no Rio de Janeiro em companhia de seu similar nacional, José Sarney, não serão mais escoltados por motociclistas homens, mas por vinte mulheres aspirantes a oficiais da PM fluminense, que estão sendo devidamente treinadas.

Como imaginamos que se dependesse de Sarney ele seria escoltado pelos velhinhos da Academia Brasileira de Letras, devidamente vestidos com seus fardões carnavalescos e suas espadas que bem dão a idéia de em que época estão, a bobeira acima fica creditada à PM do Rio mesmo, que pelo jeito deve andar meio desocupada para ficar pensando nessas coisas. Ou será que sua intenção é insinuar aos gringos alguma coisa sobre o socialismo das morenas?

Amor só de mãe



O livro "Olga", de Fernando Moraes, já foi comentado e indicado por quase toda a imprensa, e realmente merece ser lido tanto pelas suas qualidades como livro quanto pelas

qualidades da biografia e mais uma coisa ainda: para refrescar a memória dos brasileiros. Como disse Ivan Lessa, no Brasil, a cada 18 anos a gente se esquece do que aconteceu nos últimos 18 anos, e é preciso lembrar certas coisas. Não se pode esquecer que certas pessoas mandaram uma mulher grávida para a morte. E entre os que fizeram isso há muitos nomes de praças, ruas e avenidas: Getúlio Vargas, Filinto Müller, Clóvis Bevilacqua, Vicente Ráo e Macedo Soares, entre outros.

Fora isso, um ponto a destacar é a relação edipiana entre Prestes e sua mãe, dona Leocádia, uma mulher forte. Prestes chegou — segundo o livro — aos quase 40 anos virgem, só se "entregando" a uma mulher que parecia com a sua mãe, de caráter forte, dinâmica, ativa, que era Olga Benário. (Mouzar Benedito)

Mais tempo com os bebês  
E a conta?  
Quem paga?

Declarações recentes do Delegado Regional do Trabalho de São Paulo, José Carlos Stein, trouxeram à baila uma proposta que também tem estado presente em debates nos diversos órgãos técnicos do governo: a prorrogação da licença maternidade até os seis primeiros meses de vida da criança, para permitir o aleitamento natural.

No caso do Delegado do Trabalho, a justificativa parece estar na constatação de que é muito difícil conseguir que as empresas cumpram a obrigação legal de fornecer um local para guarda dos filhos das trabalhadoras no período da amamentação. De forma geral pode-se identificar nesta proposta a mesma tendência de reforço de uma maneira de se entender a maternidade, como sendo algo que só pode ser exercido legitimamente no âmbito da família, com a mãe cumprindo seu papel tradicional de cuidar ela mesma de seu filho pequeno em período integral.

Não há a menor dúvida de que, se levada à frente, esta proposta de prolongamento da licença maternidade agrada a muitas mulheres. Afinal, quem não gostaria de poder curtir mais um pouco o seu bebê, adiando a volta ao trabalho por alguns meses? Entretanto, é preciso cuidado ao examinar a questão, pois nela estão envolvidos muitos outros problemas.

Em primeiro lugar, esse tipo de medida tem sido adotada em países onde se busca um aumento na taxa de natalidade. Será isto o que a sociedade brasileira atualmente deseja?

Segundo, se já se constatou que muitas medidas de proteção ao trabalho da mulher acabam provocando um recrudescimento na discriminação contra a mulher no mercado de trabalho, o que dizer de uma proposta que dobra o período de ausência da empregada por ocasião do parto?

Finalmente, quem vai pagar essa conta? Pela legislação atual, quem deveria arcar com as despesas com instalação de berçário ou convênios é o empregador. A luta de algumas categorias profissionais tem conseguido ampliar este benefício para faixas maiores de idade da criança. Por outro lado, a licença maternidade está sendo custeada pela previdência social, que arrecada metade de seus recursos através de desconto mensal no salário dos empregados. Dobrando-se essa licença, o que aconteceria seria que as empresas se livrariam de uma despesa que hoje são obrigadas a ter e os trabalhadores brasileiros teriam sua carga de impostos acrescida. Será isto realmente o que se quer, na atual situação de extrema desigualdade na distribuição de renda e na estrutura tributária do país? (Mária Malta Campos)

Mulher de malandro é a vovózinha!

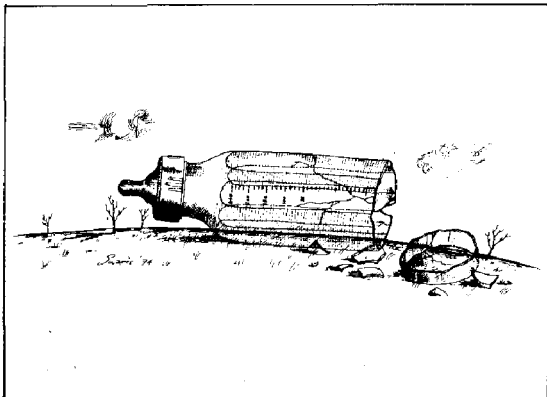
Vem aí, através da televisão, rádio, jornais, revistas, cartazes e como for possível a campanha **Diga Não à Violência Contra a Mulher**, lançada pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, em Brasília, no dia 25 de novembro.

O objetivo da campanha é sensibilizar e conscientizar a sociedade brasileira, em especial as mulheres, para a questão da violência sofrida pela mulher, na rua ou no lar, seja essa violência sexual, racial ou institucional

Um dos pontos importantes propostos pela campanha é a criação de Centros de Crise (abrigo) para atendimento às mulheres ameaçadas



## Creches fantasmas e creches assustadoras



A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) determina que as empresas que tiverem mais de 30 mulheres trabalhando no mesmo estabelecimento devem manter berçários no local ou estabelecer convênios com creches, para atender aos filhos das empregadas. Mas isso não passa de mais uma determinação legal que não é cumprida pelas empresas e nem fiscalizada pelas autoridades.

Só recentemente uma autoridade procurou tomar conhecimento do assunto, o advogado José Carlos Stein, titular

da Delegacia Regional do Trabalho em São Paulo. Suas conclusões: cerca de 5.000 empresas da capital paulista não cumprem essa lei. Muitas das creches conveniadas são fantasmas e outras não têm nenhuma condição de funcionamento, como a creche "Mãe", que tem contrato para 477 leitos e na realidade só tem 8. Ou seja, se essa creche estivesse funcionando mesmo, teria quase 60 crianças em cada leito. Pensando bem, o que está errado nessa creche é o nome, devia chamar-se creche dos leitos "coração de mãe".

## Creche dos aeroviários

Finalmente a Associação dos Comissários da VARIG e o Sindicato dos Aeronautas conseguiram da Prefeitura do Rio de Janeiro a cessão de um terreno pleiteado há seis anos destinado à construção da creche da categoria.

Agora a ACVAR está em

plena campanha para obter fundos para a construção da creche que servirá para os filhos de funcionários e funcionárias. Como os horários do pessoal de bordo são totalmente loucos, a creche exige um atendimento amplo e bem flexível.

## Constituinte I



O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher lançou em novembro a "Campanha Nacional pela Participação das Mulheres na Constituinte", e pretende promover, durante o ano de 1986, seminários e debates em todo o país, em conjunto com o movimento de mulheres, para recolher sugestões e produzir uma "Carta das Mulheres" que será dirigida aos constituintes eleitos.

Já estão sendo distribuídos um caderno e um cartaz sobre mulher e constituinte, e quem quiser receber deve dirigir-se ao Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, no Edifício Sede do Ministério da Justiça, 4º andar, sala 445 - Brasília - DF - CEP 70064, telefones (061) 224-3448 (direto) e 226-8015 - ramais 122, 193 e 314.

## Constituinte II

Florisia Verucci, membro da Comissão Provisória de Estudos Constitucionais da Presidência da República está recebendo sugestões e propostas que sirvam para os trabalhos da Assembleia Constituinte.

As sugestões podem ser encaminhadas por escrito à sub-comissão de São Paulo, à Rua Alfredo Piragibe, 65 - CEP 05447 - São Paulo - SP.



## Estávamos caladas, mas não consentíamos

Violência sexual, lesões corporais e muitas outras coisas contra a mulher, que os delegados se negavam até a fazer boletim de ocorrência, agora já podem ser denunciadas em dez Delegacias Especializadas no Atendimento dos Direitos da Mulher, que estão funcionando em São Paulo, Goiânia, Vitória, Boa Vista, Maceió, Belo Horizonte, Recife, Porto Velho, Curitiba e Florianópolis. E as mulheres estão pondo a boca no mundo, mostrando

que não estavam caladas porque queriam, mas porque não lhes davam direito à voz.

No Rio de Janeiro e em Porto Alegre estão funcionando com algumas limitações os Postos de Atendimento à Mulher, e a criação de Delegacias já está em estudos adelantados em Curitiba, São Luís e Santos.

O negócio agora é a Justiça funcionar, porque registrar queixas já é um bom passo, mas não o suficiente.

## Ele não entendeu nada...

O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) reafirmou, através de carta de sua presidenta Ruth Escobar, o Anteprojeto de Lei Ordinária do Presidente José Sarney que reduz de 8 para 6 horas a jornada de trabalho da mulher.

Os motivos para a recusa são que o anteprojeto é paternalista e dá à mulher uma situação de privilégio (o que as mulheres querem é igualdade, não privilégio), ao mesmo tempo em que limita a oportu-

nidade de emprego para a mulher (pois os homens trabalharão mais horas) e serve de justificativa para a injustiça que já se comete hoje de pagar menos pelo trabalho feminino.

Além disso, uma alegação para a redução é que caberia à mulher a responsabilidade pelos cuidados com a casa e com os filhos. Parece que Sarney não entendeu bem as reivindicações das mulheres, não é? Pior ainda é se ele tiver entendido.

educação e trabalho/mulher/educação sexual/creche/família/pré-escola/professores

Você encontra tudo isso em

## CADERNOS DE PESQUISA

Revista da Fundação Carlos Chagas Catálogo, assinaturas e informações:

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Av. Prof. Francisco Morato, 1565  
05513 - São Paulo - SP  
Tel: (011) 211-4511



As AGENDAS CIM-para 1986 do centro Informação Mulher, já estão à venda nas principais livrarias de São Paulo. Nas outras Capitais, elas podem ser adquiridas através dos grupos de Mulheres.  
Cim - Tel. 229-4818

Forma Estética & Cia.

cabeleireiro

estética social e artística  
depilação a cera quente, fria e definitiva  
ginástica aeróbica e jazz

AMBOS OS SEXOS

Alameda Ribeirão Preto  
243 Jardim Paulista SP



## CLASSIFICADOS

- **Mensagem Integrativa.** Harmonização, desbloqueio, energização. Grupos de gestantes. Preparação para parto natural. Rua Cel. Irlandino Sandoval 286, ap. 31
- **Zulailé Cobra Ribeiro, Advogada Criminal.** Telefone (011) 35-1002 - End.: Rua Tabatinguera, 93, 2º andar, conj. 22, S.P.
- **Margareth Martha Arilha, Psicologia Clínica.** Atendimento de adultos, de 2ª a 6ª feira, a partir das 14 horas. R. Caracas, 48, Jardim Paulista, São Paulo.
- **Faço traduções - Inglês e alemão** - gosto de trabalhar com assuntos ligados ao movimento feminista, política e literatura. Telefone para Inês, no número 276-8160 (das 11:00 às 15:00h).



## ESTUDOS SOBRE MULHERES

### Filmes, vídeos, áudio-visuais

Dia 5/12, na sede do Conselho Estadual da Condição Feminina, foi lançado o áudio-visual *Em Briga de Marido e Mulher...* (22 minutos, 91 slides), uma realização conjunta do CECF e do IDAC — Instituto de Ação Cultural, que discute a violência doméstica utilizando belos desenhos de Miguel Paiva e texto e trilha sonora de Ana Figueiredo (IDAC) e Maria de Fátima Galvanese (CECF). Maiores informações com Ana (212-9052) ou Fátima (852-1750 e 280-0900).

*Ilha Catariniana — Mulheres e Meninas* é o bonito título do vídeo de 20 minutos realizado por Luiza Gomes Smith e Carmen Lúcia Luiz — da Divisão de Saúde Pública da Secretaria Municipal de Educação, Saúde e Desenvolvimento Social de Florianópolis, SC — e Lena Bastos, cineasta e professora da UFSC. A partir de um trabalho participativo com vários grupos de mulheres da Ilha, surgiu a idéia de discutir a menopausa e os ciclos da vida da mulher desde a infância até a velhice. Com muitos depoimentos das mulheres de Rio Tavares, Itacorubi e Barra da Lagoa, e um mínimo de narração (que a equipe chamou de "defeitos especiais"), o vídeo foi realizado com equipamento emprestado pela TELESC e produção da Prefeitura. Foi exibido pela primeira vez em novembro, no 1º Encontro de Mulheres da Ilha de Santa Catarina e tem servido de subsídio para grupos e discussões. As interessadas em cópias ou maiores detalhes sobre o tra-

balho podem entrar em contato com Carmen ou Luiza, Caixa Postal 1.343, CEP 88001, Florianópolis, SC.

O filme *A Hora da Estrela*, de Suzana Amaral, representará o Brasil no Festival de Berlim (fev./86), depois de ganhar nada menos que doze prêmios no Festival de Brasília (out./85): Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Atriz, Melhor Fotografia, Melhor Cenografia, Melhor Roteiro, Melhor Montagem, Melhor Trilha Sonora, Prêmio Especial da Crítica, Melhor Filme do Júri Popular e o Prêmio da OCIC — Organização Católica Internacional de Cinema. Baseado no último livro escrito por Clarice Lispector antes de sua morte, em 1977, *A Hora da Estrela* é o primeiro longa de Suzana: um trabalho sensível e cuidadoso, que a gente sente que foi feito com amor. A atriz Marcélia Cartaxo cria uma personagem inesquecível na figura de Macabêa, a nordestina que vem viver seu sonho na grande cidade. Parabéns para Clarice, Suzana, Assunção e todas as onze mulheres que fizeram parte da equipe!



Em fins de novembro foi divulgada a lista das vencedoras do Prêmio Estímulo ao Curta-Metragem da Secretaria de Estado da Cultura. Vencedoras? Isso mesmo: entre 10 premiadas, sete são mulheres: Márcia Volpato (*Santo Remédio*); Regina Rheda e Leticia Imbassahy (*A Bicharada da Dra. Schwartz*); Tania Savietto (*Aquele Breve Encontro*); Inês Villares (*Meninas de Outro Tempo*); Eliana Fonseca (*Frankenstein Punk*); e Márcia Lélis (*Augusto de Campos*), que divide a direção com Francisco César. O prêmio é de 86 milhões. O Prêmio Estímulo ao Vídeo-Tape (12 milhões), por sua vez, registrou 11 vídeos de mulheres entre os 20 vencedores: Neiva Augusta da Silva (*Esgoto Também é Negócio*); Jacira Vieira de Mello (*Contrário ao Amor*); Célia Maria Jordani (*Retratos na Mala*); Carmen Barroso (*Uma Menina em Dez*); Fúlvvia Rosemberg (*Mulheres e Negros em Livros para Crianças*); Leda B. Pasta (*Lixo*); Carolina Martinez dos Santos (*Balada das Arquivistas*); Claudia Maradei (*Ana C.*); Tany Munhai Marrachine (*Tirando Pelo*); Cacílda Teixeira da Costa (*A Arquitetura do Ferro em São Paulo*), com Roberto Sandoval; Beatriz Carvalhaes Cherto (*Nós e Ela*), com Paulo Roberto Schriff; Christiane Nelson Mello, Lina Cristina Albuquerque, Nelcy Del Grossi Costa, Simone Fonseca (*Engasgados*), com Daniel Milnan.

### Livros e revistas

*Do Cabaré ao Lar — A Utopia da Cidade Disciplinar* Margareth Rago (Ed. Paz e Terra), originalmente dissertação de mestrado em História da UNICAMP. A historiadora aponta para uma vasta empresa moralizadora, tendente a domesticar o operariado. Para tanto a redefinição da família constitui uma peça mestra: um novo modelo de mulher voltado para os afazeres do lar, um cuidado todo especial com a infância redirecionada para a escola e a construção de habitações higiênicas e confortáveis fundam a possibilidade do nascimento da intimidade operária.

*Garotas de Programa. Prostituição em Copacabana e Identidade Social* — Maria Dulce Gaspar. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

Análise da organização social e do sistema de representação relacionados a uma modalidade de prostituição classificada como "média" por oposição a das zonas e dos bordéis. Cruzando a visão dos clientes com a visão do mundo e de si mesmas das "garotas de programa", em geral moças entre 17 e 23 nascidas na classe média mais pobre, Maria Dulce além de fornecer pistas para o estudo da sexualidade em geral e da sedução em particular recria todo um processo de construção de identidade social.

*Sindicato no feminino: uma luta de formiga* — Maria Noemi Castilhos Brito. Mestrado em Antropologia Social na Unicamp, agosto, 1985.

A análise do "inesperado" envolvimento das trabalhadoras do vestuário de Porto Alegre na atividade sindical — tanto como delegadas quanto como membros da diretoria do sindicato — através de suas histórias de vida levou a uma recusa do molde passividade/submissão como explicador do movimento feminista e a tentativa de estabelecer o processo de construção da militante operária em sua trajetória. A fábrica do Sindicato mostrando as vinculações existentes entre o trabalho, as condições de vida e o surgimento de reivindicações.

*Mulheres operárias* — São Paulo Nobel / Conselho Estadual da Condição Feminina / Centro de Memória Sindical, 1985.

Depoimento de cinco operárias — duas tecelãs, uma sapateira, uma costureira e uma metalúrgica — hoje aposentadas que no passado lutaram por seus direitos e atuaram em favor da sindicalização feminina.

O número 3 da revista *Que História É Essa?* se chama *Clube de Mães e Grupos de Mulheres de São Paulo*, e é um dos produtos de uma pesquisa da Equipe Rede Mulher que, durante dois anos, procurou reconstituir a história da formação dos Clubes de Mães nas regiões sul e leste de São Paulo a partir da perspectiva das próprias mulheres que participam do movimento. A revista é uma co-edição do GEP/Urplan, Rua Ministro Godoy, 960, CEP 05015, São Paulo, SP, tel.: (011) 65-7715 e da Rede Mulher, Caixa Postal 18033, CEP 01051, São Paulo, SP, tel.: (011) 262-9407.

### Pesquisas

*O Discurso da Mulher na Literatura Portuguesa* é o tema da pesquisa que está sendo realizada por Constância Lima Duarte, Diva Maria Cunha Ferreira de Macêdo, Zenóbia Collares Moreira Cunha, Teresinha Amorim Piaulinou da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O levantamento das escritoras portuguesas do século XV até hoje já chega a mil nomes e as pesquisadoras estão também organizando um dicionário bio-bibliográfico e uma antologia crítica de algumas delas.

**Concurso de pesquisas** — A Fundação Carlos Chagas está dando início a um novo programa de dotações de pesquisa sobre a mulher no Brasil com apoio financeiro da Fundação Ford.

A Fundação Carlos Chagas já realizou outros concursos desse tipo em 1973, 80 e 82, tendo financiado 57 projetos. Resultado desse programa foi a publicação de três coletâneas: *Vivências, Trabalhadoras do Brasil e Mulheres* e de um número especial dos *Cadernos de Pesquisa* 54. Para maiores informações contatar Danielle Ardailon a partir de janeiro de 1986 no telefone 211-4511.

# MULHERES EM MOVIMENTO

## Saúde como cidadania



Em fevereiro próximo estará funcionando em São Paulo o primeiro ambulatório feminista no Brasil: trata-se da Casa do Coletivo Feminista de Sexualidade e Saúde, que há dois anos vem batalhando para colocar em prática um projeto ousado de trabalhar com saúde e sexualidade das mulheres.

Reunidas numa das salas da bem estruturada casa, elas contam como tudo começou: "Fizemos algumas reuniões de discussão do projeto. Após o consenso, enviamos o projeto para algumas instituições internacionais, para ver se obtinhamos financiamento". "Há um ano e três meses ele foi aprovado pela ICCO - Conselho Mundial de Igrejas Protestantes", conta Maria José Araújo, médica que participou de experiência semelhante em Genebra, o Dispensaire des Femmes.

Todas as participantes do Coletivo vêm de experiências diversas no mo-

vimento feminista e optaram por trabalhar com saúde e sexualidade.

Atualmente elas se reúnem diariamente durante 4 horas e algumas vezes no final de semana. É quando aprofundam a convivência em conjunto, estudam e discutem tudo que diga respeito ao corpo da mulher sob a orientação de duas médicas e uma para-médica "que possuem os conhecimentos e práticas necessárias para orientar esse trabalho coletivo".

A proposta principal do grupo é a educação da mulher como cidadã, a partir da consciência de seu corpo. Para que isso seja possível, é necessário um trabalho educativo. Assim elas começam os atendimentos ensinando a mulher a se examinar, a tocar os seios para prevenir câncer da mama, a utilizar o espéculo para examinar o colo do útero.

A partir disso, o Coletivo pretende também atender casos primários de saúde da mulher e promover discussões sobre menopausa, sexualidade na adolescência. A orientação de saúde é claramente aliada à alimentação e à medicina natural. E as consultas serão pagas de acordo com a renda de cada mulher.

Um ambulatório feminista vai ter problemas com a medicina institucional? De acordo com o Coletivo, não. "É comum as pessoas serem treinadas no campo ou em comunidades de base. Na Suíça, e Estados Unidos existem centros desse tipo que não são só reconhecidos como até incentivados pelas autoridades públicas".

O endereço do Coletivo Feminista de Sexualidade e Saúde é: Rua Baltasar Carrasco, número 89, Pinheiros, São Paulo.

## Assim passaram 10 anos: Feminismo, história e memória

Sob o signo da associação entre feminismo e bolero e por iniciativa da Pós-Graduação em Sociologia do departamento de Ciências Sociais da USP com a colaboração da Fundação Carlos Chagas, do CIM e do Mulherio, feministas e pesquisadoras, em maioria de São Paulo, uma vez que o encontro não teve nenhum financiamento, se encontraram entre 2 e 6 de dezembro para discutir a relação entre movimento e Academia, no passado e no presente, a constituição de um novo campo teórico e a reação institucional, a coexistência entre pesquisa sobre mulher e pesquisa feminista, o cancelamento e os limites da implantação de centros de pesquisa sobre mulher nas universidades, os perigos do confinamento em guetos e compartilhar relatos sobre sua experiência na arriscada trajetória que se iniciou em 1970? (antes?) em 1975? do movimento de mulheres. Enfrentaram a difícil pergunta do que faz

uma feminista hoje, enquanto as militantes americanas e europeias pensam numa segunda etapa ou numa nova etapa depois da igualdade de direitos assegurada, aqui o dilema reside em conciliar a vontade de inovação, criação e a necessidade de continuar batalhando pelas mesmas reivindicações. Avanços, deslizes, desavenças, conquistas e decepções foram compartilhados num clima de camaradagem e descontração, onde o fascínio por ouvir pedaços desconhecidos da história e a satisfação por juntar peças do quebra-cabeças se somaram à semelhança das dificuldades que todas tiveram em se assumir como feministas diante da prioridade de outras lutas e da imagem da feminista, mal-amada, burguesa, ressentida. O presente é mais controverso. Ser feminista não é mais o problema. Como ser feminista foi a interrogação/inquietação que ficou no ar. (Albertina Oliveira Costa)

Mulherio

## Investigação sobre Mulher

O CEPEA-Mulher (Centro de Pesquisa e Assessoria) reuniu em Porto Alegre 50 pesquisadores e militantes do movimento de mulheres de todo o Brasil que durante 4 dias - de 4 a 7 de novembro - discutiram entusiasmada e intensivamente, de manhã, de tarde e de noite, o estado atual da pesquisa sobre mulher no Brasil. Sob o signo do otimismo, foi a primeira vez que o CNPq patrocinou uma reunião nacional deste porte sobre o tema, de modo mais formal, em painéis e mais informal em pequenos grupos de trabalho, se retracou o caminho percorrido para legitimar a temática da mulher nos espaços acadêmicos, se debateu acaloradamente a relação da pesquisa com os movimentos sociais, os partidos políticos e as agências financiadoras, a existência de uma ou de múltiplas teorias feministas, a novidade ou a particularidade da relação sujeito objeto, o envolvimento existente na pesquisa feita por mulheres, com mulheres sobre mulheres, a criação de Conselhos dos Direitos da Mulher ou da Condição Feminina a nível nacional, estadual e municipal, a sexualidade e a violência, a teoria psicanalítica e as Delegacias da Mulher.

Deste encontro de preocupações caledoscópicas resultou a proposta da criação de uma rede nacional de informação e intercâmbio entre pesquisadores e um grande entusiasmo com as perspectivas abertas para a pesquisa feminista.

## Educação diferenciada

Os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres na sociedade são constantemente reproduzidos na Literatura. Neste sentido o CEVAM - Centro de Valorização da Mulher, Goiânia - realiza um projeto objetivando desmistificar esta posição negativa dentro dos livros didáticos. Para o CEVAM o caráter de submissão, timidez e incapacidade da mulher para determinadas funções contidos no mundo literário, vem da educação diferenciada

da que ela recebe na infância. Tudo começa quando às meninas são oferecidas bonecas e aos meninos não. Os homens deveriam cuidar dos filhos de ambos os sexos para adquirir outros modelos de ternura.

## Almanaque Regional

Em outubro sairá o primeiro número do jornal "Almanaque Regional", em Ourinhos, S. Paulo, e quem edita é Neusa Fleury Moraes.

Um jornal que pretende, conforme seu editorial, tratar da luta das mulheres e do universo feminino de uma forma mais ampla: "Dos problemas da mulher na luta pela sua emancipação, na criação dos filhos, nas tarefas domésticas, etc.". Bem-vindo e boa sorte.

## Gaúchas ponta-firme

Mais de dez mil mulheres reuniram-se em Porto Alegre, no mês de outubro, numa manifestação pelo reconhecimento da profissão de trabalhadora rural, reivindicação de auxílio-natalidade, salário-maternidade, assistência médica e outras coisas mais.

Os ministros do Trabalho, da Previdência e da Agricultura, apesar de convidados não compareceram a essa manifestação das lavradoras vindas de todos os cantos do Rio Grande do Sul, o que para elas não representou um motivo para desanimar. Ao contrário, prometem continuar lutando pela sindicalização da mulher rural, pressionar os dirigentes que não querem a sindicalização da mulher e realizar atos públicos, entre muitas outras coisas. Dia 8 de março farão uma avaliação do movimento.

E atenção políticos que só aparecem na hora de faturar: se não houver quem apóie suas reivindicações elas prometem anular o voto em 86.



MARTIN FIERRO  
EMPANADAS & ALFAJORES LTDA.

R. MEDEIROS DE ALBUQUERQUE, 9 - 813-7284  
VILA MADALENA - SÃO PAULO - S.P.

# OLYMPIAN

